

Semanário  
Director:  
António Dias Lourenço

Ano 60 - Série VII - N.º 870  
23 de Agosto de 1990  
Preço: 80\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 - T 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

## Comunicado da Comissão Política

- **Situação social continua a agravar-se**
- **A preocupante acção dos EUA no Golfo**
- **Iniciativas para reforçar a intervenção do Partido na vida nacional**



Págs. 1 e 2/Semana

# REFLEXÃO SOBRE A CRISE NO GOLFO

Págs. 6 e 7/Semana

# Infifesta!

AMORA-SEIXAL • 7, 8 e 9 SETEMBRO

## Infifesta 90

Tornou-se habitual, de há uns anos para cá, ter computadores nas festas do "Avante!", mas ou nunca à medida que se foi tornando habitual conviver com eles no dia a dia. Este ano, na zona central, tivemos o Infifesta 90, um espaço renovado de administração e participação.

La estação, actualização e melhoradas, programas já conhecidos de visitantes de festas em anteriores edições e que também estiveram no Congresso do Partido no Infifesta 89, foram o ponto central e, em maior medida, o ponto de partida para a organização de reuniões, de trabalho, para o Parlamento Europeu de "Avante!" e o que se pode ver, ouvir, comer, beber.

De visitantes do Infifesta vão ter ao seu dispor um banco de dados sobre as festas do povo português. Durante o dia, num espaço de 2 metros por 2,5, correu um programa sobre a história do PCP desde 1927 até à actualidade.

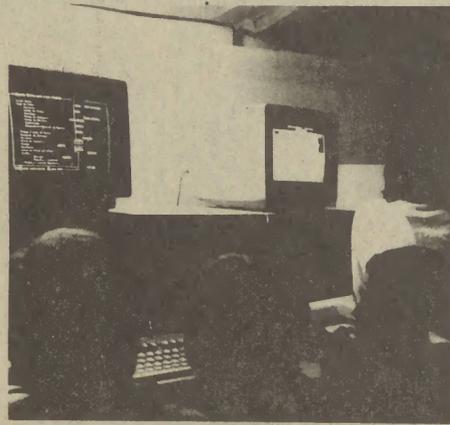
Encontramos ainda no pavilhão Infifesta 90 uma exposição sobre a história da informática, mostrando, com peças cedidas por diversas entidades, o caminho percorrido pela humanidade até chegar ao computador.

**Es arie**  
Computadores e arte: os que sabem combinar muito bem. E quem sabe a arte na festa para mostrar que assim é Cecilia e Ernesto Aires e Celso, dois pioneiros da utilização de computadores em arte no nosso país. Foram a ponte para ligar a festa do "Avante!" mais cultura de arte e informação, com um vasto trabalho em vídeo, fotografia, colagens, desenhos e cores encaixados em Portugal e no estrangeiro (nomeadamente em Nova Iorque).

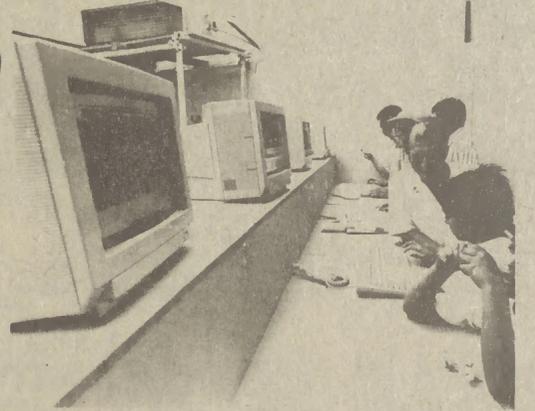
Além de exporem trabalhos seus, estes artistas participaram no mini-auditorium do pavilhão Infifesta 90, em sessões públicas onde explicaram como trabalhar arte com computadores e como se sentem a fazer. No decorrer da noite, que até se tornou uma festa de demonstração.

O Algebrista é um programa que na festa é utilizado, além do mais, para corrigir e mostrar a história de Alice Vieira, na presença da escritora. Também há, dedicado a um mês inteiro, uma exposição de trabalhos de Yvete (na versão original do primeiro trabalho que veio da URSS, na versão americana a três dimensões e mais versão portuguesa, o Ponto, Xadrez, Elmsley (construção da cidade ideal), PC Global).

E já imaginou como se pode usar um computador para ver a ponte com outros olhos? Passe pelo Infifesta 90, a uma autêntica festa dos computadores!



XIV  
Festa  
Avante!



# Uma serigrafia especial



# Paddy Reilly



# ARRAIAL! Os três dias

## Uma conjuntura preocupante

**N**a situação portuguesa actual os factores internos e externos de instabilidade e insegurança já anteriormente assinalados neste espaço do nosso jornal conheceram um novo agravamento nos últimos dias.

Os efeitos negativos acumulados da política social e laboral do governo cavaquista; a aceleração dos prazos do processo de reprivatização do Sector Empresarial do Estado com a paralela reconstituição de grupos monopolistas e a crescente penetração e domínio das multinacionais em sectores básicos da economia, da alienação da titularidade nacional de empresas públicas e privadas em benefício do capital estrangeiro e da especulação do mercado de capitais nas Bolsas de Lisboa e Porto comandada por grupos especializados estrangeiros, são aspectos da nossa política interna que se entrelaçam com o aventureirismo e as incongruências da diplomacia portuguesa perante a escalada do conflito do Golfo e o sensível agravamento da conjuntura internacional.

**N**o mês corrente, apesar da época de férias, continuou e em alguns casos ampliou-se a contestação social à política do governo com o recurso à greve de milhares de trabalhadores de empresas e sectores profissionais de notável peso na economia, na administração pública e nos serviços.

Neste mês de Agosto e nos últimos dias correram à greve total ou parcial ou continuaram os processos de luta anteriormente encetados os trabalhadores da Carris de Lisboa; da CP; da ANA entretanto objecto de um processo de requisição civil pelo período de três meses; da fábrica de calçado Eccolet de Aveiro com a participação quase total dos seus mil trabalhadores; os Técnicos Auxiliares Sanitários e trabalhadores da limpeza dos Hospitais Cívicos e da CP; dos trabalhadores dos Museus; da Enatur; dos Guardas Florestais aos quais o governo tendo-se comprometido a fazê-lo durante o auge dos incêndios florestais não pagou até hoje os retroactivos.

São lutas que deitam por terra a demagogia governamental que apregoa melhorias inexistentes na situação dos trabalhadores.

O salário real baixou pela menor alta salarial relativamente à taxa real de inflação e do aumento dos preços; o peso dos salários relativamente ao das remunerações do capital na distribuição dos rendimentos do trabalho continua a degradar-se: dos 44,8 por cento em 1986 caiu sucessivamente para 43,8 por cento em 1987, 43,5 por cento em 1988 e 42,1 por cento em 1989 tudo indicando nova baixa no ano em curso.

**A** elevação dos custos da prestação de cuidados da saúde, da alimentação, da habitação, do ensino com o substancial aumento das propinas, a precarização cres-

cente do trabalho, o aumento real do desemprego pela diminuição crescente dos postos de trabalho disfarçado com a novíssima forma de medir o desemprego pela diminuição dos pedidos de emprego, o aumento do custo de vida são chagas da política social do governo que a demagogia cavaquista pode aparentemente iludir mas não anular.

No sector da Habitação, os cortes de crédito para habitação própria e o próximo novo regime de rendas de casa facultativo da especulação dos senhorios e geradora da insegurança habitacional, em particular dos jovens casais, atingem duramente as camadas populares de menores recursos. A mistificação do «crédito bonificado» à Habitação é desmascarada pelos próprios números: no primeiro semestre de 1990 o crédito à Habitação que em 1989 fora de 133 milhões de contos caiu para 56 milhões enquanto o número dos contratos baixou de

34 868 para 15 367.

O processo da alienação das empresas mais rentáveis ou submetidas à especulação bolsista a favor do capital estrangeiro assume incontestável agravamento com a simples referência dos números: o investimento directo estrangeiro quase triplicou os valores de 1989 atingindo no primeiro semestre deste ano 116 milhões de contos, o stock de acções na posse de estrangeiros ascendia em Abril a cerca de 221 milhões de contos resultantes da compra e venda especulativas nas Bolsas de Lisboa e Porto.

A denúncia na última segunda-feira da política interna do governo cavaquista levada ao conhecimento dos órgãos de comunicação social, pela Comissão Política do CC do PCP colhe a ampla comprovação dos factos e dos números.

**É** contudo na condução da nossa política externa que se acumulam os prejuízos maiores da política cavaquista em relação com a nova escalada do conflito do Golfo sob a pressão dos Estados Unidos que tentam transformar o embargo do comércio com o Iraque decidido pelo Conselho de Segurança da ONU pelo bloqueio implicando o recurso à intervenção armada.

A escalada do conflito no Golfo Pérsico nos últimos dias pela gigantesca concentração de poderosos meios militares dos Estados Unidos naquela área nevrálgica do Próximo e Médio Oriente e pela intransigência da administração Bush na busca de uma solução política pelas vias diplomáticas para a grave situação criada pela invasão e anexação do Kuwait pelos exércitos iraquianos, afecta-nos de maneira directa no abastecimento de combustíveis e é susceptível de arrastar Portugal para um conflito armado em absoluto contrário aos nossos interesses nacionais, sob a pressão militar e política dos Estados Unidos.

Nos últimos dias os problemas da Paz e da guerra saltaram de novo para o centro das preocupações de todos os povos do mundo.

A situação de extrema gravidade criada naquela área particularmente sensível do globo terrestre exige o exame ponderado e urgente das forças da Paz, dos dirigentes responsáveis e das organizações internacionais das quais depende o poder de decisão para travar a deterioração do conflito.

Os elementos reais de agravamento da situação do Golfo devem ser abordados e examinados com um grande sentido de responsabilidade, com objectividade e cabeça fria.

A busca de uma solução política do conflito, a exploração de todas as possibilidades de restabelecer a normalidade naquela região nevrálgica por meios pacíficos e diplomáticos é um imperativo irrecusável das forças da Paz no momento actual.

O carácter alarmante da situação não deve, contudo, conduzir a uma visão alarmista dos acontecimentos susceptível de criar uma psicose colectiva prejudicial a essa busca realista e serena de uma eventual e ainda possível solução política pacífica.

São enormes os perigos do momento actual. Seria de todo irracional imitar o gesto do avestruz enterrando a cabeça na areia para não ver a ameaça real que pesa sobre a paz do mundo e a própria sobrevivência da Humanidade no caso de uma abertura das hostilidades na região do Golfo.

**É** uma convicção generalizada dos que analisam friamente a natureza e a dinâmica dos acontecimentos que a denominada «Crise do Golfo» potencia uma das mais graves ameaças à Paz e à segurança dos povos depois da Segunda Guerra Mundial.

E uma outra convicção vai ganhando volume perante a hipótese de os Estados Unidos levarem a cabo, com o beneplácito das Nações Unidas ou mesmo à revelia das decisões do Conselho de Segurança, uma intervenção armada de vastas proporções e desenvolvimento incontrolável susceptível de uma perigosa escalada militar e de uma reacção em cadeia que poderia não se limitar aos meios convencionais - hoje de enorme poder destrutivo e mortífero - nem a uma «simples» reedição do holocausto de Hiroshima.

Não é segredo para ninguém que na actualidade o monopólio das armas nucleares foi quebrado. Que hoje não somente as chamadas «grandes potências» como também outras grandes e pequenas têm a possibilidade de fabrico e uso da arma nuclear, a faculdade de «carregar no botão» e abrir um instantâneo ciclo de parada e resposta que em breves momentos reduziria a um tição calcinado no espaço cósmico o nosso pobre planeta Terra.

A inevitável e incontestável proliferação da arma nuclear é uma tentação permanente para



## Nota do Gabinete de Imprensa do PCP

# O despedimento das jornalistas da RTP

Anteontem, após ser tornado público o despedimento de três jornalistas da RTP, o gabinete de imprensa do PCP divulgou aos órgãos de comunicação social a nota que publicamos seguidamente na íntegra.

**1.** A decisão, hoje tornada pública, do Conselho de Gerência da RTP de proceder ao despedimento das jornalistas Maria Elisa Domingues, Margarida Marante e Maria Antónia Palla reveste-se de uma extraordinária gravidade e espelha uma orientação e uma conduta intoleravelmente marcadas pelo abuso de poder, prepotência e arbitrariedade que não podem deixar de merecer uma firme condenação.

**2.** A decisão de determinar o despedimento das referidas profissionais, com fundamentos que se revelam de uma inexcusável hipocrisia numa empresa em que alguns dos seus mais altos responsáveis exercem acumulações de duvidosa compatibilidade, tem ainda de ser considerada como um considerável elemento de pressão e de intimidação dirigido contra os profissionais de informação da RTP, no quadro das concepções arrogantes e antidemocráticas que, ainda recentemente, em entrevista a um semanário, um director da RTP displicentemente explicitou.

**3.** No seguimento de anteriores tomadas de posição e das diligências desenvolvidas na Assembleia da República, o PCP exprime a sua solidariedade às jornalistas atingidas por esta medida injusta, ilegal e discriminatória, cuja responsabilidade aparente e formal pertence ao CG da RTP mas que, no contexto das óbvias e conhecidas ligações e dependências existentes, terá também de ser assacada ao Governo do PSD.

**4.** Reclamando a anulação dos referidos despedimentos, o PCP volta a sublinhar que a reposição da legalidade na RTP, o respeito dos legítimos direitos dos seus profissionais, a erradicação de orientações discriminatórias e de práticas de manipulação ao serviço dos interesses e da propaganda do PSD e do seu Governo e a adopção de critérios de independência e defesa do pluralismo na informação televisiva continuam inscritas como imperiosas necessidades de respeito e salvaguarda da vida democrática do País.

## Comunicado da Comissão Política

- **Situação social continua a agravar-se**
- **A preocupante acção dos EUA no Golfo**
- **Iniciativas para reforçar a intervenção do Partido na vida nacional**



A situação política e social nacional, a crise do Golfo e as medidas e iniciativas aprovadas com vista ao reforço da intervenção do Partido no futuro próximo em várias áreas da vida nacional, constituíram algumas das matérias em análise na reunião da Comissão Política do CC do PCP, efectuada segunda-feira, cujas conclusões foram divulgadas à comunicação social em conferência de imprensa em que participaram os camaradas Domingos Abrantes, membro da Comissão Política e do Secretariado, e Joaquim Judas, membro do Comité Central.

Na reunião efectuada no passado dia 20 de Agosto, a Comissão Política do Comité Central do PCP discutiu essencialmente três questões — aspectos da situação política e social nacional, a crise do Golfo, e um conjunto de medidas e iniciativas com vista ao reforço da intervenção do Partido no futuro próximo, em várias áreas da vida nacional. Transcrevemos na íntegra o comunicado que foi distribuído à imprensa no encontro com os jornalistas que teve lugar na sede da Soeiro Pereira Gomes.

A Comissão Política, na base de vários indicadores, conclui que a situação social se continua a agravar, atingindo largos sectores da população e em particular os reformados e os trabalhadores.

O enorme surto grevista ocorrido nos últimos dois meses, apesar das férias, as múltiplas acções de protesto, abrangendo sectores muito diversos, não podem ser ignoradas quanto

ao seu significado profundo: um enorme descontentamento que atinge largos sectores sociais e um desmentido inequívoco à propaganda do Governo sobre a sua política de pretensão bem-estar social.

No sector da saúde, multiplicam-se as denúncias pelo agravar das carências em serviços essenciais e de situações de caos que se vive em alguns hospitais. A «dança» dos decretos e a demagogia governamental não conseguem construir casa e impedir o agravamento das carências habitacionais.

Dados recentemente tornados públicos confirmam que em 1989 se verificou uma nova, injusta e e injustificável diminuição dos salários no rendimento nacional, fazendo aumentar as injustiças e desigualdades sociais.

A subida da taxa de inflação, contrariando as previsões do Governo, irá agravar ainda mais as condições de vida de todas as camadas com rendimentos fixos, em particular os reformados e os trabalhadores.

A Comissão Política insiste na exigência de que o Governo proceda rapidamente a um aumento intercalar do salário mínimo nacional e das pensões e reformas e exorta os trabalhadores a desenvolverem a sua luta por melhores salários, pela reposição do poder de compra perdido.

PCP

## Comunicado da Comissão Política



A Comissão Política não pode deixar de alertar os trabalhadores e as organizações sindicais para o facto de que o Governo, ao insistir no PESAN (Programa Económico e Social) apesar da sua generalizada rejeição por parte das organizações sindicais e partidos democráticos, se propõe prosseguir a sua política de contenção salarial, manutenção das formas de trabalho precário e desregulamentação dos direitos dos trabalhadores.

### II

A Comissão Política debruçou-se de novo sobre o problema dos fogos florestais e analisou as recentes medidas anunciadas pelo último Conselho de Ministros.

Cabe dizer que as medidas agora decididas correspondem, embora parcialmente, a propostas já anteriormente avançadas pelo PCP. É o caso da proibição por um período de dez anos de projectos de urbanização das áreas florestais ardidas, a proibição de rearboreção com espécies florestais indevidas e a obrigatoriedade de recolha dos desperdícios provenientes dos cortes das matas.

No entanto os aspectos positivos dessas decisões podem ser anulados pelas próprias condicionantes desde já avançadas pelo Governo («sempre que não se prove que o incêndio tenha sido fortuito», arborização dependente da «autorização da Direcção Geral das Florestas») e quando não se estabelecem simultaneamente medidas de compensação para os pequenos proprietários florestais.

Mais, em geral, as decisões do Conselho de Ministros pecam por tardias e limitadas.

As medidas de prevenção e de reforço dos meios de combate aos fogos florestais deveriam ter sido tomadas, não quando a «época» dos fogos florestais já vai alta mas antes de os fogos começarem.

Apesar do Governo insistir em auto-elogios sobre o reforço das acções de prevenção e combate aos fogos florestais, a verdade é que, como é generalizadamente constatado, estes alastram por ausência de medidas eficazes e tomadas em tempo útil, pela incuria do Governo.

Só depois de o PCP ter alertado para a gravidade da situação, e só quando os fogos atingiam dimensões irreparáveis e de autêntica catástrofe, é que o Governo decidiu agir. Aliás, as contradições e hesitações no seio do Governo demonstram a falta de coordenação e de uma política globalmente assumida: enquanto o ministro da Administração Interna afirmava que os meios existentes eram suficientes, o ministro do Ambiente dizia, no Gerês, exactamente o contrário.

O PCP insiste na necessidade de serem tomadas medidas de fundo, sérias e eficazes, como as que anunciou na Conferência de Imprensa sobre o assunto.

Apoiando a reclamação da ANMP — Associação Nacional de Municípios Portugueses, de 1,5 milhões de contos para os municípios flagelados, o PCP sublinha a necessidade de resolver com urgência as graves situações das populações que ficaram sem habitações e outros haveres.

### III

Tendo examinado os mais recentes desenvolvimentos da crise no Golfo Pérsico, a Comissão Política do CC do PCP, reafirmando a sua condenação da invasão do Kuwait pelo Iraque e a reclamação da retirada das tropas iraquianas do território do Kuwait, manifesta grande preocupação pela acção unilateral dos EUA, o constante reforço da presença militar norte-americana na região e a sua decisão de bloqueio, que claramente ultrapassa as resoluções do Conselho de Segurança e viola a Carta da ONU, introduzindo novos factores de insegurança e perigos incontroláveis de escalada do conflito.

As atitudes e orientações dos EUA traduzem claro desrespeito face ao Direito Internacional e não contribuem para a

instado a pronunciar-se mais desenvolvidamente sobre a posição do PCP relativamente à crise no Golfo Pérsico, já no período de perguntas e respostas, após a leitura do comunicado da Comissão Política, o camarada Domingos Abrantes reafirmou a ideia de que a solução do problema deve ter em conta a gravidade da situação e deverá ser em qualquer circunstância uma solução de carácter político. Com o potencial militar actualmente concentrado naquela região, alertou, qualquer precipitação ou acção irreflectida pode degenerar num conflito de consequências imprevisíveis. Daí que, segundo as palavras de Domingos Abrantes, haja a necessidade de que todos os países envolvidos actuem com todo o sentido de responsabilidade. Quanto às

decisões já tomadas no quadro da ONU, a opinião do PCP é que estas deverão ser respeitadas, devendo simultaneamente a solução do conflito ser encontrada ao abrigo da sua aplicação. Condenada pelo dirigente comunista foi, por sua vez, a acção dos EUA que no seu entender contraria a solução pacífica do problema, traduz um claro desrespeito face ao direito internacional e não contribui para a implementação das resoluções da ONU. Pronunciando-se acerca da posição de Portugal, Domingos Abrantes expressou a opinião de que esta deve pautar-se de acordo com as decisões da ONU, não devendo do ponto de vista do PCP, sublinhou, ser tomada qualquer medida que leve ao envolvimento das Forças Armadas fora do território nacional.

implementação das resoluções da ONU e a solução pacífica do grave problema surgido. Seria lamentável que a próxima reunião da UEO viesse a decidir, cedendo às pressões políticas dos EUA, qualquer acção que se não conformasse estritamente com as resoluções n.º 660 e 661 do Conselho de Segurança da ONU ou com o tratamento que, no quadro da ONU, a situação criada venha eventualmente a merecer.

A Comissão Política, conforme a posição de princípio defendida pelo PCP, reafirma a sua posição desfavorável a qualquer acção que envolva as Forças Armadas fora do território nacional, pronunciando-se contra a participação de tropas portuguesas numa força multinacional de intervenção no Golfo, caso venha a ser essa a decisão da UEO.

A Comissão Política do CC do PCP entende que o Governo Português não pode nem deve submeter os interesses e actuação do País a interesses unilaterais de qualquer potência ou grupo de potências e deve pontuar toda a sua actuação diplomática pelos objectivos de assegurar uma solução política para o conflito. Tendo em conta a extraordinária relevância e responsabilidade de tal matéria, é absolutamente imprescindível que o Governo não tome quaisquer decisões de fundo que envolvam as Forças Armadas nacionais em missões fora do território nacional, sem que se pronunciem os restantes órgãos de soberania, a Assembleia da República e o Presidente da República.

A Comissão Política do CC do PCP, regozija-se com a anunciada decisão das autoridades iraquianas de permitirem a saída dos nossos compatriotas que se encontram no Iraque e no Kuwait.

### IV

A Comissão Política debateu todo um conjunto de questões com vista à concretização das orientações saídas do XIII Congresso, nomeadamente no que se refere à dinamização do trabalho orgânico e discutiu e aprovou medidas para garantir uma activa e responsável intervenção do Partido em diferentes áreas da vida nacional.

Até ao fim do ano em curso deverá realizar-se um número significativo de Assembleias de Organização, incluindo Assembleias de Organizações Regionais e o Congresso da Organização da Região Autónoma dos Açores.

A Comissão Política analisou o estado de preparação da Festa do «Avante!» que terá lugar já nos próximos dias 7, 8 e 9 de setembro na Atalaia, tendo concluído que a Festa do «Avante!» — a maior iniciativa política cultural que se realiza em Portugal — constituirá uma importante manifestação da capacidade mobilizadora do PCP, da criatividade dos seus militantes e também um espaço de diálogo e convivência democráticos.

A Comissão Política discutiu a realização de várias iniciativas de carácter regional e nacional para o estudo e definição de orientações sobre questões relacionadas com a saúde, o ensino, a agricultura, as pescas, o desenvolvimento regional, a política de ambiente, etc.

O conjunto destas iniciativas — o qual será tornado público oportunamente — visa aprofundar o conhecimento da realidade nacional e preparar o Partido para travar com êxito as batalhas políticas que se avizinham, nomeadamente as eleitorais.

Pela sua importância e actualidade, numa altura em que se verificam sérias restrições à soberania nacional, que se assiste à entrega ao capital estrangeiro sectores básicos da economia nacional, desde já se anuncia a realização, no próximo mês de Outubro, de um Encontro do PCP sobre a Independência Nacional.

20.8.1990

A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

## Desmantelar

Geralmente as pessoas apreciam a franqueza. Há mesmo quem prefira a rudeza de uma má palavra que o embrulho adoçado de uma expressão de cerimónia. E quem goste sempre mais da nudez forte da verdade sem o manto diáfano da fantasia.

E no entanto, as boas maneiras nem sempre são a capa que esconde os maus sentimentos. Nem forçosamente por debaixo do verniz se esconde o material de baixa qualidade.

O facto é que desconfiamos sempre mais do lobo quando nos aparece vestido com pele de cordeiro. Cá por coisas.

Nesse momento, porém, ainda é tempo de tomar medidas. O pior é o momento em que o lobo deixa de precisar da pele em que se mascara e a despe afrontosamente. Quando perde a vergonha. É quando está seguro de que não vale a pena fingir, quando já mostra os dentes e se prepara para morder. Ou já está a morder.

Deixando para trás as fábulas — apesar da sua graça envolvem a crueldade na poeira luminosa da poesia —, falemos de quando os lobos de hoje perdem a vergonha.

Quando, por exemplo, os Estados Unidos já não precisam de um general acusado de corrupção para «limpar» um país e asseguram assim um pretexto muito «cristão» para invadirem, dominarem e matarem. Já era mau sinal, sintoma de que no mundo, só a opinião pública lhes fazia frente, a par de «vigorosos protestos».

Nenhuma firmeza os deteve. No entanto, ainda nesse caso tiveram de mentir.

Não mentem agora. Quando admitem abertamente que isto do Iraque, para além do protexto de uma ajudinha à Arábia Saudita, cheira a petróleo que tresanda. Quando mobilizam um quarto de milhão de homens e os mandam enterrar as botas no deserto, já o não fazem com a desculpa de que vão defender os valores ocidentais. Mas admitem que vão defender o «seu» petróleo.

É muito mais perigoso assim, quando perdem a vergonha, por que quer dizer que não têm de quem a esconder, ou menosprezam — e se sabem impunes — quem lhes poderia impor melhores maneiras.

Por cá, também alguns sinais alarmantes existem de que os nossos lobos de trazer por casa abandonaram as peles de cordeiro. Sinais eventualmente chocantes para quem pudesse pensar que isto não viria a acontecer. Sinais inevitáveis para quem já conhecia a natureza de classe deste Governo, os seus propósitos escondidos em conversa eleitoral. As provas da sua ferocidade vinham-se acumulando ao longo dos anos e não é de admirar agora que, facilitando o caminho a esta política, ela se revele em toda a sua crueza e mostre as más maneiras que escondeu.

Há dias ouvimos e lemos que o Governo vai «precisar» de **desmantelar** a Cimpor para proceder à sua privatização. De desmantelamentos — que é palavra feia mas precisa e inequívoca — já ouvimos falar. Mas do lado de quem fala verdade e de quem acusava o Governo de o fazer. Este nunca confessava que o fazia. Como demorou algum tempo a falar de privatizações — lembram-se? —, ou da destruição da reforma agrária. As vontades da direita apareciam então vestidas de palavrório técnico. Até que os mentores da restauração capitalista deixaram de precisar. Um longo caminho havia sido feito. Um caminho com ajudas.

A ajuda mais preciosa à política de direita deu-a quem permitiu o quadro legal em que ela pode agora livremente assumir-se e realizar-se. Ao permitir a desnacionalização de tudo o que se quiser, a revisão constitucional escancarou as portas ao desmantelamento. É claro que a palavra — esta palavra feia, precisa e inequívoca — não aparece no texto da Constituição revista. Iria ferir os pudores de quem permitiu e ajudou o PSD de Cavaco Silva a enveredar hoje abertamente por uma política que, cheio de maneiras, anunciava e prometia.

A falta de vergonha do Governo e dos seus propagandistas é sinal de que não teme, à sua esquerda, que o impeçam. Mas, se a vergonha lhe continuar a faltar, será sinal muito pior — sinal de que confia na continuação da impunidade.

Então, em vez de falar abertamente em desmantelar uma ou outra empresa, falará abertamente em desmantelar o país. O que, ainda com alguma vergonha, vai fazendo. Chamando-lhe desenvolvimento, por exemplo.

■ LM

Nacional

## Em causa o valor das pensões Emigrantes lutam pelos seus direitos

Trabalhadores emigrantes e ex-emigrantes, recentemente reunidos no salão nobre da Câmara Municipal do Montijo para apreciar as consequências do Decreto-Lei 513/M-79 que estabelece o regime de pensões e reformas (513/M-79), classificaram o diploma como profundamente iníquo, apelando para a sua alteração nos aspectos por si considerados mais gravosos.

O Decreto-Lei em causa, nomeadamente o seu artigo seis, recorde-se, limita de forma injusta o valor das pensões e reformas a atribuir aos trabalhadores emigrantes, fixando valores de tal

modo irrisórios que quando transferidos para países estrangeiros quase não têm correspondência cambial.

Em resultado da forma como o cálculo é efectuado, pensões há, com efeito, a rondar os mil e os quatro mil escudos, isto mesmo nos casos da trabalhadores emigrantes que totalizaram 20 anos de serviço no nosso país.

No decorrer do plenário, a que assistiram representantes do PCP, PS e PSD e em que participou a presidente da Câmara Municipal do Montijo, os presentes subcreveram um abaixo-assina-

do dirigido aos órgãos de soberania onde expõem a situação e onde reclamam a reposição dos direitos que assistem nesta matéria aos emigrantes e ex-emigrantes.

Direitos que, importa ainda sublinhar, foram já objecto de uma pergunta escrita por parte do deputado comunista Barros Moura no Parlamento Europeu e de uma iniciativa legislativa do Grupo Parlamentar do PCP, em Março do corrente ano, diploma onde se altera nomeadamente o referido artigo seis do Decreto-Lei que estabelece o valor das pensões e reformas a atribuir aos trabalhadores emigrantes.

## A braços com dificuldades no escoamento Produtores de arroz exigem medidas do Governo

A ausência de fixação de preços por parte do Estado para o arroz está a criar sérias preocupações entre os produtores, havendo já tomadas de posição pública reclamando medidas urgentes do Ministério da Agricultura que garantam o rápido desbloqueamento da situação.

Foi o caso dos rendeiros produtores do distrito de Setúbal que em recente reunião no Solar dos Salemas, Alcácer do Sal, alertaram para o facto de os industriais, a coberto da falta de fixação dos preços, estarem a negar-se a receber o arroz nos respectivos secadores, gesto que indicia obscuras intenções, que

poderá conduzir à ruína de muitos produtores.

A situação é tanto mais grave quanto é certo que a cultura do arroz representa um elevado investimento, sendo que no ano em curso o custo da produção foi ainda seriamente agravado devido à grande quantidade de arroz que não germinou e aos tratamentos suplementares a que os arrozais foram sujeitos em virtude do aparecimento da lagarta e do verme-lhão.

Em nota distribuída à imprensa, a Associação dos Agricultores do Distrito de Setúbal chama ainda a atenção para a circunstância de alguns industriais proprietá-

rios de terras, aproveitando-se da actual situação, fazem depender a comercialização do arroz de um compromisso escrito dos rendeiros onde estes garantem que deixarão as terras que agora cultivam.

A Associação dos Orizicultores, dando cumprimento às decisões tomadas na reunião, encetou entretanto já diligências junto do Ministério da Agricultura no sentido de alertar para os perigos que decorrem da actual situação, reclamando simultaneamente medidas urgentes que levem à fixação dos preços, garantia de secagem e comercialização do arroz.

## Câmara do Montijo dinamiza espaço juvenil

Encontra-se em funcionamento, no edifício dos Paços do Concelho, desde o passado dia 1 do corrente mês, o Gabinete de Apoio à Juventude da Câmara Municipal do Montijo.

Dotar a jovem cidade e todo o concelho de um «espaço aberto dinâmico, impulsionador da Juventude», para utilizar a expressão do vereador Francisco Saragaço, no acto público que deu lugar à apresentação do referido gabinete, tal foi o propósito que animou o executivo municipal

em mais esta iniciativa tomada ainda a pensar «nos jovens e na sua importância em todo o processo de desenvolvimento social».

Um desafio à criatividade e audácia dos jovens foi ainda deixado por aquele vereador que apelou à sua intervenção directa em ordem a estabelecer um diálogo permanente que se estenda à escola e à família.

De acordo com as palavras de Francisco Saragaço é ainda intenção da Câmara,

para lá da tentativa de minimização de problemas e carências, realizar acções formativas, informativas e de ocupação de tempos livres e, bem assim, prestar atenção a temas de actualidade e apoiar iniciativas regionais e nacionais.

Nesse sentido, está prevista para breve a criação de uma comissão de jovens que terá a participação de vários representantes do concelho e que trabalhará com o apoio e coordenação da área da juventude da autarquia.

## Plano Director Municipal de Lisboa mais perto de ser uma realidade

A Câmara Municipal de Lisboa, em reunião extraordinária recentemente realizada, aprovou duas importantes propostas referentes às grandes questões urbanísticas da cidade.

A primeira proposta define os objectivos e a calendarização em que será elaborado o Plano Director Municipal, a implementar em articulação com o Plano Estratégico para Lisboa que, como instrumento fundamental da gestão urbanística, permitirá a Lisboa desenvolver as condições e potencialidades que lhe permitam tornar-se numa cidade atractiva e competitiva no sistema das capitais europeias.

Este documento foi aprovado por unanimidade, à excepção do ponto referente à calendarização, aprovado por maioria com uma abstenção do PSD.

A segunda proposta vem interpretar e integrar as dúvidas e lacunas do regulamento do Plano Geral de Urbanização de Lisboa (PGUL), o que permitirá conferir objectividade e transparência ao

processo de gestão urbanística do município, tornando as respectivas regras claras e acessíveis, tendo sido aprovada por maioria, com abstenções do PSD e CDS.

Recorde-se que desde a sua aprovação em 1977 é o PGUL que vem funcionando como normativo legal do ordenamento da cidade e da regulação da sua gestão urbanística, com o grave inconveniente de nunca terem sido elaborados os planos parciais

e de pormenor nele previstos, o que lhe permitiu ser objecto de interpretações avulsas e frequentemente desrespeitado.

De acordo com uma nota do seu Gabinete de Comunicação Social, a Câmara Municipal de Lisboa deliberou ainda requerer ao Governo a declaração de utilidade pública urgente de expropriação e autorização de posse administrativa imediata dos pré-

dios particulares que se tornou necessário adquirir para a execução da CRIL no troço de ligação do nó de Algés ao nó da Buraca (por unanimidade), e adjudicar a empreitada de concepção/construção do colector principal de drenagem da plataforma de Beiro-las, pelo preço de cerca de 140 mil contos (por maioria, com abstenção do PSD).

Entre as decisões aprovadas pelo executivo da Câmara contam-se ainda o apoio com um donativo de 10 mil contos à reconstrução do Teatro ABC e a atribuição ao largo situado no Largo das Furnas, lotes 25, 26 e 27, o topónimo «Largo Madalena Perdigão — dinamizadora da cultura e das artes», sendo igualmente aprovada a orgânica do Gabinete do Chiado, na forma de direcção de projecto para a reconstrução do Chiado.

Nesta reunião extraordinária, a Câmara discutiu e aprovou 22 propostas, sete por unanimidade e todas as restantes por maioria, sem votos contra.



PCP

Ilha das Flores

## Deputado do PCP presta contas da sua actividade

O deputado regional do PCP Paulo Valadão está a realizar desde o passado dia 15 e até ao próximo dia 30 do corrente, na ilha das Flores, círculo eleitoral pelo qual foi eleito, reuniões públicas de trabalho com os eleitores em todas as freguesias e lugares dos dois concelhos da ilha.

Tais reuniões públicas, para além de servirem para o deputado prestar contas do intenso trabalho que tem desenvolvido com vista à resolução dos problemas daquela ilha, visam a preparação do trabalho futuro da representação parlamentar do PCP no que respeita ao círculo eleitoral das Flores.

## Excursões diárias para a Festa

A concelhia de Setúbal está a organizar excursões diárias nos dias da Festa para o terreno da Atalaia, onde se realizará a próxima Festa do «Avante!».

O preço ida e volta é de 450 escudos e as inscrições podem ser feitas no Centro de Trabalho.

## Trabalhadores

## Depois da greve

## Guardas florestais reúnem-se amanhã em Coimbra



Das conclusões da reunião de amanhã pode sair nova paralisação dos guardas florestais que em Fevereiro findo se manifestaram em Lisboa (foto de arquivo)

## Não está ainda afastada a possibilidade de nova greve

Depois de várias acções de luta, que incluíram este ano uma manifestação em Lisboa, os guardas florestais viram-se obrigados a recorrer à greve.

Segundo a Federação sindical representativa (FNSFP), a paralisação de dois dias teve uma adesão que rondou os 80 por cento a nível nacional, «havendo brigadas que pararam a 100 por cento».

A greve poderia ter sido evitada. Embora se justificasse plenamente a forma de luta não se teria concretizado, se o Governo tivesse

desbloqueado a tempo as verbas necessárias à implementação do regime de trabalho dos guardas florestais.

## Incompetência do Governo

A FNSFP acusa o Governo de incompetência, pois o Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação ainda não definiu o prazo para a atribuição das verbas necessárias à aplicação daquele regime de trabalho.

Por conseguinte, a Fede-

ração reúne-se amanhã, em Coimbra com o grupo de trabalho dos guardas florestais para analisar a situação e decidir se será ou não necessário voltar à greve no próximo dia 30.

Entretanto, a mesma Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública fazia um reparo público quanto aos noticiários da RTP do passado dia 15, que davam a greve dos guardas florestais como desconvoada, quando quem decretou a greve nada tinha declarado nesse sentido.

## Músicos Em risco o Conservatório

A direcção do Sindicato dos Músicos, com sede em Lisboa, manifesta a sua «enorme apreensão» perante a «projectada destruição» do Conservatório Nacional. Esta atitude, tornada pública a semana passada deve-se à conclusão de «mais um diplo-

ma legislativo» sobre o ensino da música em Portugal. O Sindicato afirma que, «face à situação caótica» em que se encontra esse ensino, este novo «documento» surge sem que os músicos tivessem sido ouvidos. Para os profissionais do sector, é pre-

ciso acabar com «a instabilidade vivida nas escolas de música há vários anos» e valorizar ao máximo o nível pedagógico do Conservatório, «instituição que é parte integrante do nosso património cultural há mais de 160 anos».



Músicos profissionais protestam em Lisboa contra o encerramento das orquestras da RDP (foto de arquivo. Fevereiro de 1989)

## CGTP manifesta-se contra o envio de militares portugueses para o Golfo

À semelhança de outras organizações democráticas, a CGTP manifestou-se contra o envio de forças militares portuguesas para o Golfo. Eis o teor de um seu comunicado de 20 do corrente:

«A CGTP-IN, que no passado dia 2 de Agosto condenou a invasão do Kuwait pelas tropas iraquianas, tem vindo a seguir com grande preocupação a evolução dos acontecimentos naquela região do Médio Oriente.

«A CGTP-IN, identificando-se inteiramente com as recentes resoluções do Conselho de Segurança das

Nações Unidas, que decidiu decretar um bloqueio económico, financeiro e militar ao regime de Bagdad, não pode, no entanto, deixar de repudiar as decisões unilaterais da administração norte-americana de pôr em prática, à revelia daquelas decisões da ONU, um bloqueio total ao Iraque, o qual, à luz das normas internacionais, significa uma autêntica declaração de guerra.

«Esta decisão, ligada exclusivamente aos interesses económicos e estratégicos dos EUA no Golfo, é contraditória com as posições da

administração norte-americana, aquando da invasão pelas tropas dos EUA de Granada e do Panamá, da ocupação dos territórios palestinos por Israel e da invasão de Timor-Leste pela Indonésia, não justificando de forma alguma o empenhamento nesta aventura belicista de quaisquer outros países.

«É neste contexto que a CGTP-IN considera altamente lesivo dos interesses nacionais e contrário à defesa dos trabalhadores portugueses, que ainda continuam retidos naquela região, a hipótese ventilada nos últimos dias pelos nossos governantes de uma participação efectiva de forças militares portuguesas naquela região do Globo.

«Portugal deve respeitar estritamente as decisões do Conselho de Segurança da ONU, única organização internacional com direito a determinar qual o empenhamento e as formas de execução prática a activar para fazer respeitar as suas decisões.

«Não existem quaisquer acordos de carácter bilateral ou multilateral, nomeadamente no quadro da NATO ou da UEO, que obriguem o nosso país a alinhar em acções militares fora da área dos países membros daquelas organizações.

«A CGTP-IN, consciente dos perigos da actual situação, reafirma, uma vez mais a sua exigência de retirada imediata e incondicional das tropas iraquianas do Kuwait e a negociação pacífica de todas as questões em litígio.»

## Nova escola profissional

O Gabinete de Ensino Tecnológico, Artístico e Profissional (GETAP), organismo do Ministério da Educação, assinou com a CGTP o contrato-programa de criação da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça.

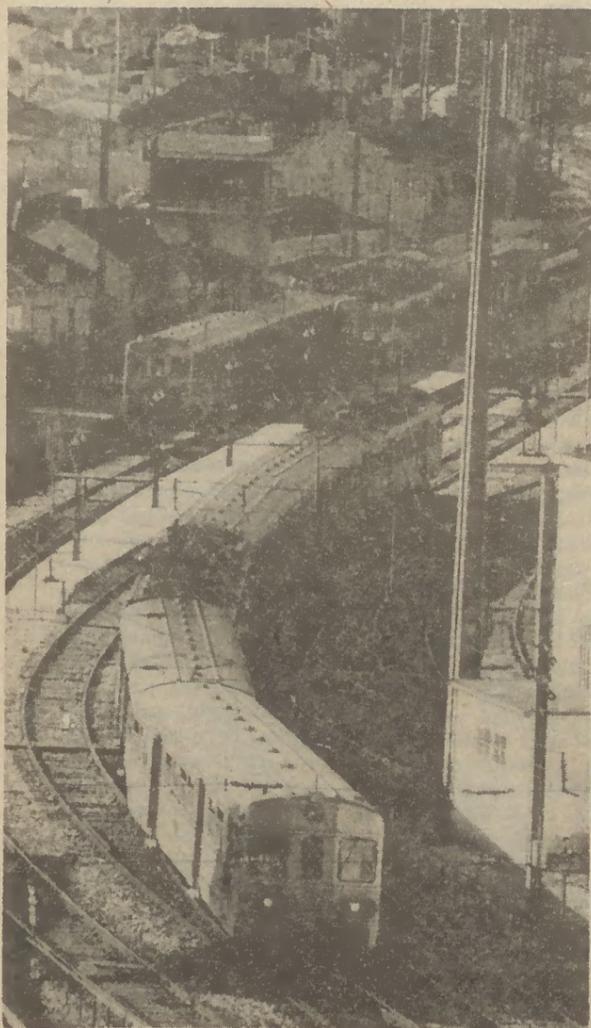
O novo estabelecimento de ensino abrirá já no próximo ano lectivo com 130 jovens, com o 9.º de escolaridade completo. Esses alunos, entretanto inscritos, frequentarão cursos de três anos. Além de saírem com o 12.º ano completo, aptos portanto a continuar os estudos, a nova Escola vai habituá-los com o certificado do nível 3 da CEE.

Segundo o gabinete de Imprensa da CGTP, o proto-

colo de criação da Bento de Jesus Caraça, assinado na passada segunda-feira, durante uma cerimónia em que estiveram presentes o director do Gabinete, dr. Joaquim Azevedo, e os dirigentes da CGTP, Manuel Carvalho da Silva e Rosa Maria Marques, estabelece a multipolaridade da nova Escola.

Com sede em Lisboa, a Bento de Jesus Caraça terá extensões em Setúbal, Porto, Barreiro e Beja.

Serão ministrados cursos de artes gráficas, informática de gestão, higiene, segurança do trabalho e ambiente, animação sociocultural e comunicação, marketing e relações públicas.



Como em dezenas de outras lutas, este Verão, incluindo a Carris com greves às horas extraordinárias, têm estado sobretudo em causa questões de ordem profissional, mas pondo em xeque permanentemente a actuação do Governo e causando sérios prejuízos de âmbito social. É o caso da CP (foto de arquivo) onde há meses que não pára a movimentação sindical

## Despedimentos em Setúbal Mais 5500 sob ameaça na CP

Segundo o Plenário dos Sindicatos de Setúbal, a CP «prepara a saída de 5500 trabalhadores». Reunido em 17 do corrente, aquele órgão sindical, representativo do distrito a nível intermédio da CGTP, não adianta pormenores sobre o caso, mas já em 1 de Julho findo, a comissão de trabalhadores (CT) da CP assinalava que «o anterior conselho de gerência» (o novo acabava de tomar posse) tinha prosseguido «uma política de redução brutal do número de postos de trabalho».

A União dos Sindicatos de Setúbal (USS/CGTP), ao referir-se à «continua eliminação de postos de trabalho», sublinha o caso da IVA que, depois de ter sido subsidiada com 24 mil contos, pretende despedir todos os trabalhadores.

Por seu turno e segundo a mesma fonte, a RN (Rodoviária Nacional) «força a rescisão de contratos de trabalho, propondo indemnizações de cerca de 2 mil contos».

Quanto à Sado Internacional, é o encerramento, na sequência de um «processo cada vez mais nebuloso».

Além da «continua eliminação de postos de trabalho», a USS verifica também «o alastramento dos indícios de cor-

rupção». Aludindo a «suspeitas no caso da Sado Internacional», o Plenário dos Sindicatos de Setúbal insiste mais uma vez na «necessidade de uma fiscalização eficaz da aplicação e dos resultados dos subsídios financeiros a fundo perdido».

Além do referido caso da Recauchutagem IVA, subsidiada em Abril com 24 mil contos, a USS cita ainda «casos duvidosos que começam a aparecer»: A Tonitrec, subsidiada com 440 mil contos para criar 215 pontos de trabalho — «agora, diz-se que a perspectiva é de apenas 126». Quanto à IVA, os 24 mil contos não evitaram o despedimento de todos os trabalhadores este mês.

A USS, que faz ainda menção da falta de segurança no trabalho e das más condições nas empresas (incêndios, por exemplo em 4 fábricas de cortiça), regista apenas como «positiva» a continuação da luta pela redução do horário de trabalho, «com resultados práticos» já alcançados. É o caso da Quimigal.

A União dos Sindicatos de Setúbal marcou definitivamente o seu 3.º Congresso para 16 e 17 de Novembro, naquela cidade.

## Salários

### Parte cada vez mais baixa no rendimento nacional

Com base no último relatório do Banco de Portugal, a CGTP afirma que a parte dos salários no rendimento nacional baixou em 1989.

O facto, que se verificou a um ritmo ainda mais acentuado que nos anos anteriores, a partir de 1986, demonstra «a ineficácia da política de moderação salarial do Governo», pois a inflação agravou-se de 9,6 para 12,6 por cento entre 1988 e 1989.

Depois de salientar que esse aumento inflacionário é superior a 30 por cento, a Central salienta que, apesar de os salários reais terem crescido abaixo dos ganhos de produtividade, a inflação cresceu fortemente.

Segundo o relatório do Banco de Portugal, o peso dos salários no rendimento nacional processou-se como segue: 1986 — 44,8%; 1987 — 43,8%; 1988 — 43,5%; 1989 — 42,1%.

Outro dado salientado pela CGTP em 1989 é o peso do Excedente Bruto de Exploração. Contrariamente ao que sucedeu com os salários, o EBE subiu. Passou de 48,4%

### «O aumento efectivo dos baixos salários dos trabalhadores portugueses é um factor fundamental do progresso social» — sublinha a CGTP

para 49,9% do rendimento nacional. «Em termos nacionais — acrescenta a CGTP — o EBE cresceu 23,7% em 1989».

#### Ano de elevado crescimento económico

A CGTP comenta: «Embora 1989 tenha constituído um ano de elevado crescimento económico (5,4 por cento) e esse crescimen-

to tenha superado a média comunitária, verificou-se que os salários reais portugueses ficaram aquém do crescimento médio comunitário, atrasando-se assim o nível de vida dos trabalhadores face aos dos outros trabalhadores da Comunidade.

«A redução do peso dos salários no rendimento traduz que não estão a ser partilhados com os trabalhadores os benefícios do crescimento económico. É a esta crítica fundamental que o Governo se tem revelado incapaz de responder. A sua recente

proposta (PESAN), a ser concretizada, não só permitiria que se continuasse a manifestar a tendência de redução do peso dos salários no rendimento nacional, como nem sequer salvaguardaria o crescimento real dos salários.

«A CGTP-IN considera que não é lícito que o crescimento económico não tenha como finalidade o progresso social. O aumento efectivo dos baixos salários dos trabalhadores portugueses é um factor fundamental do progresso social», conclui a CGTP.



Há muito que os baixos salários se mantêm entre os mais fortes motivos de luta e de acção sindical

## ATÉ AMANHÃ CAMARADAS de Manuel Tiago

O GRANDE ROMANCE DA CLANDESTINIDADE E DA RESISTÊNCIA AO FASCISMO EM PORTUGAL

edições **Avante!**



# Reflexão sobre a crise

O noticiário sobre a crise desencadeada pela invasão do Koweit pelo Iraque tem sido minucioso, por vezes torrencial. Mas não é isenta de parcialismo a informação oferecida à opinião pública pelos grandes media.

Impressiona a quase total ausência de dados históricos que facilitem ao cidadão comum compreender antecedentes da situação criada.

Justifica também reflexão o facto de ter sido necessária uma tomada de posição do secretário-geral das Nações Unidas para ficar claro que os EUA invocaram abusivamente o nome e o prestígio daquela organização para darem cobertura a acções de bloqueio ilegítimas, pois o Conselho de Segurança apenas aprovou o embargo ao petróleo iraquiano e a aplicação de sanções comerciais.

Existe consenso fora do mundo árabe quanto a dois aspectos da crise:

1. Saddam Hussein, o presidente do Iraque, é um dirigente autocrático com uma concepção aventureira da política. Na guerra contra o Irão já havia demonstrado que para atingir os seus fins estratégicos não recua perante os métodos mais extremos de fazer a guerra, inclusive o recurso a armas químicas.

2. A invasão (e posterior anexação) do Koweit foi um acto de violência incompatível com os princípios da Carta da ONU e as normas de direito internacional que regulam as relações entre os povos. A Resolução do Conselho de Segurança traduziu o sentir da esmagadora maioria da humanidade. A guerra não pode ser aceite como meio de resolver problemas e litígios internacionais.

As ambições, o fanatismo e a irresponsabilidade que o governo iraquiano e sobretudo Saddam Hussein demonstraram não devem contudo servir de atenuantes para o comportamento igualmente irresponsável que os EUA assumiram desde o início da crise.

O imperialismo norte-americano, longe de contribuir para uma solução pacífica da situação criada no Golfo, toma em cadeia iniciativas ilegítimas que podem levar a uma escalada de violência de consequências imprevisíveis. Os EUA actuam mais uma

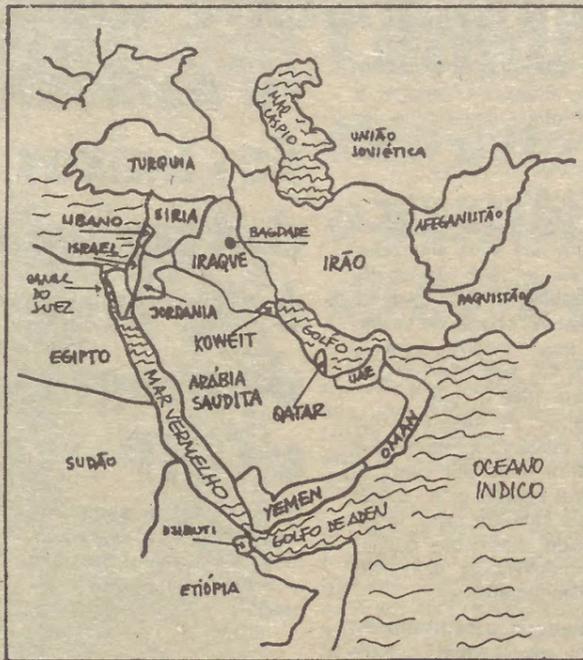
vez como se fossem os gendarmes do mundo.

O envio de tropas para a Arábia Saudita tal como o bloqueio económico global ao Iraque e a decisão de abrir fogo sobre navios que recusem a vistoria da carga são opções que nos terrenos ético e jurídico colocam a Administração Bush no mesmo nível de amoralismo do governo de Bagdad.

O que é o Koweit? Que povo vive ali? Como se formou o país cuja anexação pelo Iraque desencadeou uma tempestade que parece ameaçar a paz no mundo?

A resposta a essas perguntas ajuda a entender aspectos fundamentais da crise. O Koweit é um país ficcional inventado pelo imperialismo britânico.

Durante muitos séculos, os beduínos daquela região do Golfo não se distinguiam dos que a Norte se deslocavam pelas planuras próximas do delta dos grandes rios vindos da Mesopotâmia e das tribos que a Sul e Ocidente estabeleciam o contacto entre os oásis da Arábia e os escaldantes e misérrimos portos do Golfo. Os naturais do Koweit são sobretudo árabes originários das tribos que durante a fase expansionista posterior à morte do Profeta Maomé conquistaram a Mesopotâmia (hoje Iraque) e a Pérsia aos Sassânidas, e a



Um mapa que, neste momento, é símbolo de justificada preocupação quanto ao futuro da paz na região e no mundo

Síria e o Egito ao Império Romano do Oriente.

Tal como a generalidade dos árabes, permaneceram fiéis à língua e às tradições culturais do seu povo sob três séculos de dominação turca.

A sonolência letárgica dos árabes só findou no Médio Oriente com a Primeira Guerra Mundial. Aquele conflito, de motivações misteriosas para os nómadas do deserto, pôs tudo ali em movimento.

Transcorridas muitas décadas, ainda hoje é útil ler o que Thomas Edward Lawrence escreveu sobre os árabes. Ele os conheceu no norte do actual Iraque, na Síria, no vale do Jordão, nos desertos da Arábia profunda. Foi nessa época que, após um hiato de séculos, renasceu a consciência nacional árabe, não obstante a diferenciação cultural resultante do isolamento e de experiências diferentes, inseparáveis da ocupação estrangeira, europeia e turca.

Israel era então somente uma aspiração romântica da diáspora judaica. Sob a ocupação turca, apenas algumas dezenas de milhares de

judeus se haviam fixado na Palestina em terras adquiridas após o grande movimento sionista de regresso à Terra do «leite e do mel» nos finais do século XIX. Foi durante o mandato britânico, após a guerra, que a emigração judaica assumiu aspectos torrenciais.

Cabe à Grã-Bretanha a responsabilidade principal pela configuração actual do mapa político do Médio Oriente.

Em 1918, quando o Império Otomano foi derrotado e se desagregou, palavras como iraquiano, saudita, koweitiano, jordano careciam de significação. Não serviam para designar nacionalidades. As novas fronteiras foram traçadas na região para atender, no fundamental, aos interesses imperiais britânicos.

O processo de penetração e ocupação iniciara-se muito antes com o estabelecimento dos ingleses no Egito. A Península Arábia tornou-se então uma área estratégica para a Inglaterra. A fim de garantir a «segurança» da rota da Índia, a cidade de Aden, na entrada Sul do mar

Vermelho, foi ocupada. Era uma porta do Suez. Todo o Sul da Península (o Hadramaut) caiu sob domínio britânico, o que alterou profundamente a composição étnica da população. Ali se estabeleceram milhares de indianos e malaios. O sultanato de Oman e a área do Koweit passaram a protectorados de Sua Majestade. Somente o Iemen, isolado do mundo, conservou uma independência precária.

A Primeira Guerra Mundial pôs fim ao immobilismo. A Grã-Bretanha desencadeou a tempestade ao estimular a Revolta Árabe. A rebelião contra os turcos — aliados da Alemanha imperial — principiou no Hedjaz, nas terras ancestrais do emir Hussein, senhor de Meca. Londres não avaliou bem as proporções do terramoto. A palavra daquele príncipe foi escutada de Jerusalém ao Golfo, de Medina a Damasco.

Vencida a Turquia, a Grã-Bretanha impôs a sua vontade. De acordo com o Tratado secreto Sykes-Picot, firmado com a França em plena guerra, esta recebeu o mandato sobre a Síria e o Líbano. O Reino Unido abocanhou o actual Iraque (onde o exército otomano infligira em Kush uma humilhante derrota aos invasores ingleses), a Palestina e o território da futura Transjordânia.

As aspirações do nacionalismo árabe foram ignoradas, o que levou a rebeliões reprimidas com muita violência.

O novo mapa foi desenhado pelos políticos ingleses. Inventou-se a Transjordânia para dar um trono ao príncipe Abdullah (avô do actual rei da Jordânia), um dos filhos do emir de Meca. No trono do Iraque cujas fronteiras foram também traçadas ao sabor da fantasia (com uma estreita faixa de acesso ao Golfo) cortando as tribos da região, Londres colocou outro príncipe hachemita, após a França se recusar a recebê-lo em Damasco.

Nem tudo correu conforme o previsto. Um daqueles tur-

bulentos movimentos tribais de raiz religiosa, que no rolar dos séculos marcaram a caminhada dos povos do Islão, forçou a Inglaterra a proceder a ajustamentos (e novas alianças) no seu projecto global para a Península Arábia. Os Wahabitas, muçulmanos sunitas ortodoxos, rígidos no cumprimento da lei corânica, deixaram os seus oásis do deserto e conquistaram o Hedjaz, unificando sob o comando do emir Ibn Saud todo o centro e leste da Arábia.

A Inglaterra já então sabia que as zonas limítrofes do Golfo eram fabulosamente ricas em petróleo, como aliás parte da meseta arábia. Um conjunto de xeques foi colocado sob protecção do poder imperial britânico. Ficaram intocáveis para os beduínos wahabitas de Ibn Saud.

O processo de clarificação foi muito lento. Sequiosos de dinheiro, emires e xeques ocidentalizaram-se, fascinados pelas libras e dólares do petróleo.

Em 1961, quando a Grã-Bretanha se retirou definitivamente do Golfo, os chamados Emirados Árabes proclamaram a independência, unindo-se numa estranha confederação tutelada pelo deus petróleo.

O maior dos mini-estados do Nordeste da Arábia, o Koweit, emergiu também na história como construção artificialíssima, em função dos interesses dos gigantes anglo-americanos do petróleo. Tudo ali é tão absurdo que mais de metade da população do país é estrangeira. O trono do emirado — uma desértica área equivalente ao conjunto dos distritos de Beja e Faro — foi entregue a um xeque submisso e adequadamente britanizado.

O Koweit arrancou do zero absoluto, sem raízes na história; foi uma invenção do imperialismo britânico.

A ocupação e anexação do Koweit — repito — foram justamente condenadas pelas Nações Unidas.



A invasão do Koweit pelo Iraque é condenável. Mas, perante a passividade (quando não o estímulo descarado) dos EUA e das potências ocidentais agora muito preocupadas, os direitos humanos são violados dia a dia, desde há anos, no Médio Oriente. Ou será que a ocupação sionista dos territórios árabes é para esquecer?

Internacional

■ Miguel Urbano Rodrigues

# no Golfo

Nem o facto de o Koweit ser um país fabricado nem os argumentos de Saddam Hussein sobre o traçado das fronteiras e o alegado roubo de lençóis petrolíferos em áreas iraquianas justificam a invasão. A lei da selva, ou seja, a guerra, deve ser definitivamente banida da Terra, pátria do homem.

Mas a agressão iraquiana não deve também fazer es-

de fervor monárquico de George Bush, mas apenas de um acto de respeito por sua majestade o petróleo.

Os exercícios de futurologia sobre a crise no Golfo são desmentidos a cada dia pelos factos. A situação evoluiu ali de maneira imprevisível.

mais de 10 milhões de dólares em cada 24 horas.

Na própria imprensa dos EUA e mesmo no Congresso erguem-se já vozes de protesto contra a perigosa estratégia de George Bush.

Prestigiosos analistas criticam o envio de tropas para a Arábia Saudita e a decisão

Outro aspecto da situação que não pode passar sem reparo é a disparidade de comportamento de alguns países industrializados perante a agressão iraquiana ao Koweit e outras, recentes, praticadas pelos EUA.

O deputado António Maria Pereira, do PSD, citou em Nova York o caso de Timor-Leste, invadido e ocupado pela Indonésia há 15 anos. Houve silêncio então. O genocídio timorense não suscitou depois a indignação das grandes potências e menos ainda qualquer tipo de sanções contra o governo agressor de Djakarta.

Aquele parlamentar do PSD não citou porém (porquê?) a recentíssima invasão do Panamá e o bombardeamento da sua capital (talvez um milhar de civis mortos) pelos EUA.

O contraste entre a resposta suscitada pela agressão iraquiana ao Koweit e a agressão dos EUA ao Panamá e a Granada coloca a humanidade perante um fenómeno de hipocrisia política. Exige reflexão.

Os argumentos invocados, de Bonn a Tel Aviv, de Londres a Tóquio, de Lisboa a Paris, para condenar a ocupação do Koweit não acudiram à memória dos aliados de Washington quando a vítima foi o Panamá. Não houve então alarido no Conselho de Segurança, não se assistiu a uma mobilização internacional contra os EUA. Nem se falou de sanções contra o agressor.

Porquê a dissemelhança de atitudes?

O Panamá foi e é visto pelos países da CEE como parcela do **pátio das traseiras** da República norte-americana. No caso do Koweit, país de farsa, está em causa o petróleo. Mas aos governantes de alguns países que agora aplaudem o envio de tropas americanas e britânicas para a zona do Golfo falta coragem para assumirem publicamente as motivações dos seus actos, num momento em que o perigo de uma guerra absurda é muito concreto.

A contradição ilumina bem o farisaísmo de governantes como a sra. Thatcher e o chanceler Helmut Kohl que, falando sobre a crise no Golfo, se exibem como falsos guardiões da moral e do direito.

A condenação firme pela consciência universal da invasão do Koweit não impede, antes exige, a condenação simultânea da estratégia intervencionista e agressiva dos EUA e a denúncia da hipocrisia dos seus aliados, da Grã-Bretanha a Israel.

Os graves acontecimentos no Médio Oriente valem por um desmentido oferecido pelos factos àqueles que ligam mecanicamente a política do desanuviamento a um suposto fim da era do imperialismo.

O imperialismo existe e está mais arrogante com a mudança a seu favor da relação de forças. O comportamento dos EUA na crise do Golfo confirma essa evidência.



A força, o dinheiro, o petróleo, o Golfo e os EUA (caricatura de «L'Humanité», 9 de Agosto)

quecer que foi a gula ocidental (e o desprezo pelos povos árabes) que gerou na região as situações que alimentaram com o tempo o aventureirismo de dirigentes ambiciosos.

No Médio Oriente, sobretudo na Península Arábica, as fronteiras foram desenhadas — nomeadamente as do fantasmático Koweit — com a mesma irresponsabilidade com que Disraeli e Bismark traçaram há mais de um século, na Conferência de Berlim, as da África sub-sahariana.

Isso não evitou que os EUA, ao assumirem a herança imperial britânica no Golfo, tenham dado sempre o tratamento de aliados preferenciais ao Koweit, aos Emirados Árabes Unidos, à Arábia Saudita e ao sultanato de Oman e Mascate (onde o exército britânico, antes de se retirar, esmagou a última rebelião). Não é estranhável que um porta-voz da Casa Branca, logo no início da crise, tenha informado que era do interesse dos EUA a permanência no poder das famílias reais da Península Arábica. Não se tratou obviamente de uma súbita manifestação

de algumas certezas emergem, porém, dos acontecimentos.

1. Os EUA agiram por conta própria, sem mandato internacional. Contribuíram para o agravamento de uma situação explosiva, contrariando o espírito e a letra da Resolução aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU.

2. A Arábia Saudita passou a ser um país ocupado.

3. O apoio egípcio à intervenção norte-americana não traduz o sentir das populações árabes.

4. A demarcação de países como a URSS, a China, o Canadá da posição americana isola os EUA, evidenciando que o bloqueio ao Iraque é apenas uma atitude unilateral do governo Bush (apoiada pela Grã-Bretanha).

5. Os gigantes do petróleo aproveitaram a crise para um aumento imediato do preço dos combustíveis nos EUA e noutros países ocidentais.

6. Num planeta onde milhares de pessoas morrem diariamente de fome os EUA estão a gastar com a sua intervenção militar no Golfo

de usar a força para impor um bloqueio não autorizado pela ONU e, por isso mesmo, violador do direito internacional.

Ao desafiar Saddam Hussein com iniciativas ilegítimas, os EUA lançam achas na fogueira. A exacerbação dos sentimentos nacionalistas é uma realidade decorrente da escalada norte-americana. Washington, em vez de isolar Saddam Hussein, contribui para que ele apareça a milhões de muçulmanos como o **grande defensor da nação árabe**. Já é aclamado como herói do Islão e já lhe chamam, nas ruas do Cairo e Bagdad, o novo Saladino, o grande guerreiro turco que no século XII derrotou os Cruzados na Palestina e na Síria.

Não é por acaso que um príncipe tão ligado ao Ocidente como é o rei Hussein da Jordânia se recusa a aceitar o embargo do petróleo iraquiano e aparece como mediador entre Saddam Hussein e Washington.

Argumento algum da Casa Branca poderá apagar a enorme responsabilidade dos EUA num eventual desfecho sangrento da crise.

## Unita mata no Uíge

Duas pessoas morreram, quatro ficaram feridas e vários edifícios foram destruídos após a Unita ter bombardeado no sábado a cidade do Uíge (norte) - noticiou a Angop. Segundo a agência noticiosa angolana, uma das pessoas que morreram era uma mulher com nove meses de gestação, enquanto entre os feridos se encontra também uma grávida, além de uma anciã de 60 anos e duas crianças de sete e nove anos.

A acção do Uíge - terceiro bombardeamento que a Unita faz à cidade no espaço de seis meses - destruiu parcialmente o bloco operatório e as salas de estomatologia e medicina geral, no hospital provincial.

Ainda no sábado passado, aquele grupo terrorista destruiu duas torres condutoras de energia a cerca de 40 quilómetros de Luanda, na área do Mussequê Kapunga.

## Referendo em São Tomé para aprovar Constituição

Em São Tomé e Príncipe os eleitores foram ontem às urnas para expressarem a sua opinião sobre o projecto de nova Constituição. O projecto, que teve como principal mentor o professor português Jorge Miranda, prevê a eliminação da pena de morte e retira da lei fundamental do país o papel do MLSTP como força dirigente, admitindo a formação de outros partidos políticos. O chefe de Estado terá a última palavra nas questões de defesa e política externa; deverá ser independente de qualquer partido político, e convidará para formar governo a força com maior representação parlamentar.

Os resultados, que devem estar apurados dentro de duas semanas, deverão ditar a entrada em vigor da Constituição e a promulgação de uma lei sobre partidos políticos, cuja legalização seria possível em Setembro, de forma a possibilitar a realização de eleições legislativas em Outubro.

Ainda em Agosto deve reunir em congresso o Grupo de Reflexão (da oposição), enquanto o MLSTP tem marcada a sua reunião magna para 7, 8 e 9 de Setembro.

## Falta de habitações em Budapeste

O problema das famílias sem lar adquire proporções alarmantes na Hungria. Entre as suas causas, indicam-se a redução do volume de construção de apartamentos pelo Estado, dificuldades de emprego, a inflação, a baixa do salário real e a subida dos preços dos apartamentos e dos serviços urbanos. Assim, o preço de um metro quadrado de habitação em Budapeste ronda, em média, 30-35 mil florins, enquanto o preço de um apartamento de duas assoalhadas ultrapassa 1,5-2 milhões de florins.

## URSS: criação de pequenas empresas é regulamentada

O governo soviético promulgou uma deliberação sobre a criação e desenvolvimento de pequenas empresas, no âmbito da passagem da economia soviética para o sistema de mercado.

As empresas podem ser criadas em todos as esferas económicas, com base em qualquer tipo de propriedade, inclusive mista.

A deliberação invoca expressamente a decisão do Soviete Supremo da URSS de 13 de Junho, que mandou o governo para reelaborar os seus projectos de passagem ao mercado até Setembro.

Pequenas, nos termos da deliberação, são consideradas as empresas que empreguem menos de 200 trabalhadores nas áreas da indústria e construção civil, até 100 na área da ciência e serviços científicos e 50 pessoas nas restantes áreas produtivas.

Nos sectores não produtivos o máximo de trabalhadores permitido é de 25 pessoas, excepto para o comércio retalhista, onde o número é fixado em 15 pessoas.

As empresas podem ser criadas por cidadãos, famílias e outras pessoas que desenvolvam actividades económicas em conjunto, sejam empresas públicas, empresas arrendadas, colectivas e mistas, sociedades anónimas e outras organizações que sejam pessoa jurídica, como órgãos estatais com direito de gerir o património público.

As pequenas empresas criadas com a participação de cidadãos e capital estrangeiros obedecem à legislação sobre «joint-ventures».

Os ministérios e departamentos centrais da URSS, os governos das Repúblicas Federadas e Autónomas e os Sovietes locais são incumbidos de dar assistência às pequenas empresas na sua formação, assim como de lhes venderem, transferirem ou arrendarem equipamentos e locais de laboração.

As medidas de apoio às pequenas empresas serão elaboradas até Dezembro pelo Governo, que criou ainda dependente da sua Comissão de reforma económica um Comité de apoio aos pequenos empresários.

Uma resolução «sobre as bases de actividade das pequenas empresas» foi em simultâneo submetida ao Soviete Supremo.

## Internacional

## Conferência de Genebra sobre não proliferação de armas nucleares

# Reforçar o tratado é agora mais necessário

A 4ª Conferência de Genebra para a verificação e revisão do tratado sobre não proliferação de armas nucleares, que decorre desde segunda-feira e até 14 de Setembro na sede europeia da ONU, deverá responder à necessidade de fortalecer aquele acordo e evitar que a posse de armamento nuclear alastre a novos países.

Nestê sentido pronunciou-se o presidente desta conferência, Osvaldo de Rivero, falando aos jornalistas. O embaixador peruano referiu que a actual situação no Médio Oriente torna aquela necessidade mais crucial do que nunca.

Também um dos responsáveis da delegação soviética à conferência, Vladimir Pavlinov, considera - citado pela Novosti - que a preservação e consolidação do tratado, e mesmo do seu reforço, é da maior importância. A URSS considera que em Genebra devem ser discutidas questões como a cessação dos ensaios nucleares, o reforço das garantias que asseguram à Agência Internacional para a Energia Atómica um controlo bastante eficaz dos materiais nucleares utilizados na actividade pacífica, a segurança da energia nuclear, o tratamento e armazenamento dos resíduos radioactivos, a cessação da exploração das centrais nu-

cleares, a não agressão contra reactores nucleares e a defesa física dos materiais nucleares.

### Vinte anos

O tratado sobre não proliferação de armas nucleares foi assinado em 1968 e entrou em vigor em 1970, estipulando que os países com capacidade nuclear se comprometem a não transferir armas nucleares nem ajudar outros estados a criá-las, enquanto os que as não possuem se comprometem a não as receber nem produzir. De cinco em cinco anos a conferência dos signatários (actualmente 141 estados) analisa a forma como está a ser cumprido e procede à sua revisão. Em 1995 deverá ser decidido se o tratado é prorrogado, quer por um período determinado, quer por um prazo indefinido, ou se caduca.

Segundo o responsável citado pela APN, a URSS entende que o tratado só poderá ser substituído por um acordo



Para que não cresçam como cogumelos as armas nucleares, deve ser reforçado o tratado de 1968 (foto de arquivo)

geral internacional sobre o não ressurgimento de armas nucleares, a assinar após a liquidação total do armamento nuclear.

A URSS, os EUA e a Grã-Bretanha são as potências nucleares que funcionam como principais garantes do documento. França e RP da China já haviam ensaiado armas nucleares antes de 1968, mas não assinaram o tratado; prometeram, contudo, respeitar o seu espírito. Nesta conferência participam pela primeira vez, como observadores.

# SPD rompe coligação na RDA

## Mas há outras vias para a anexação

A decisão do Partido Social-Democrata (SPD) da RDA de abandonar a coligação governamental com os conservadores da CDU põe em causa a aprovação do tratado de unificação dos estados alemães. Mas as notícias que referem a perda dos dois terços de deputados necessários para alterar a Constituição da RDA vêm acompanhadas de outra nota: a anexação pode fazer-se por meio de outros mecanismos.

O grupo parlamentar social-democrata decidiu romper com a CDU no passado domingo, durante uma reunião em Berlim-Leste. «Lothar de Maizière e a CDU destruíram a coligação» - afirmou Wolfgang Thierse, presidente do SPD, num intervalo, quando anunciou aos jornalistas que o seu partido não ia mais participar «no jogo de Maizière e do chanceler alemão-federal».

Como acontecimentos mais próximos desta decisão surge a demissão do ministro das Finanças da RDA, que pertencia ao SPD. Mas são apontadas outras razões, nomeadamente as referidas anteriormente pelo correspondente do «Diário de Notícias» em Dresden: «A CDU não cumpriu a paridade contida na letra dos acordos interpartidários, mantendo, em vez disso, um comportamento de domínio total na coligação e no Governo; a CDU e o seu chefe Maizière fizeram ponte política com Bona à revelia da vontade e do direito de intervenção do SPD; a CDU não respeitou minimamente as bases em que foi estabelecida a coligação; por fim, a CDU decidiu com Helmut Kohl,

chanceler da RFA, a data do acto oficial da reunificação (14 de Outubro)».

A 24 de Julho tinham sido os liberais a abandonar a coligação, mantendo embora os seus dois ministros em funções. O SPD, por seu turno, anunciou que os seus membros iriam abandonar os cargos governamentais, à excepção dos secretários que participam nas negociações para a unificação.

### Eleições

Os acontecimentos na RDA, após pouco mais de 4 meses do governo saído do acordo CDU/SPD/Liberais, desenrolam-se tendo já na perspectiva as eleições de 2 de Dezembro. Ainda segundo o correspondente do «DN», «há

nesta altura indícios de que as forças de esquerda, incluindo o PDS (ex-comunista) possam vir a obter resultados inesperados, ou pelo menos improváveis há dois meses atrás».

Entretanto, a Comissão Europeia reuniu anteontem para analisar as condições de integração da RDA na CEE.



Ganham um ímpeto preocupante, na RFA como na RDA, os movimentos neonazis, que surgem cada vez mais abertamente a defender ideias nacional-socialistas e a praticar actos violentos (foto de arquivo)

«Cansados de reclamar em vão a melhoria dos seus salários e condições humanas para a sua dura faina e ao mesmo tempo indignados com as sujas traficâncias de alguns grandes industriais do sal e de dirigentes sem escrúpulos da Casa do Povo, os valentes salineiros de Alcochete, em número superior a 700, resolveram recorrer à greve e abandonar o trabalho no passado dia 29 de Julho.

As condições de trabalho e de remuneração impostas a estes trabalhadores são das mais duras e desumanas. Durante os 3 meses que dura a safra do sal os salineiros são obrigados a carregar canastras com um peso superior a 60 quilos com os pés metidos em água salgada e lodosa que lhes abre chagas difíceis de sarar. E é por este duro trabalho que lhes é pago um salário de 30\$00, estabelecido há 6 anos num contrato colectivo de trabalho em que nem sequer foram ouvidos.

Sabendo-se como subiu o custo de vida e que o moio de sal custando 50\$00 em 1951 é agora transaccionado por 800 (...), vê-se como são razoáveis e justos os pedidos dos trabalhadores salineiros. Este ano, porém, devido a uma vergonhosa combinação entre o maior industrial da região, Quintela, e os dirigentes da Casa do Povo, foi forjado um compromisso falsamente em nome dos trabalhadores em que estes se «comprometiam» a não reclamar aumento de salários durante 5 anos (!), isto em troca de um empréstimo do Quintela à Casa do Povo no montante de 45 contos.

Esta odiosa traficância causou a maior indignação à população laboriosa de Alcochete, que desde a primeira hora deu todo o seu apoio à luta dos valentes trabalhadores salineiros que reclamavam um salário de 50\$00 para o transporte e 65\$00 para a tiragem do sal. O próprio padre da igreja local, que experimentou carregar duas canastras, afirmou que nem pelo dobro do salário se poderia fazer tal trabalho.

Esgotados todos os recursos para fazerem ouvir as suas razões os valentes salineiros de Alcochete, enfrentando a fome e a repressão, abandonaram corajosamente o trabalho, organizaram os seus piquetes de greve e durante vários dias toda a actividade nas salinas esteve paralisada.

Mostrando uma vez mais que o interesse manifestado pelo Ministro das Corporações em relação aos trabalhadores não passa de uma falsidade, o governo mandou ocupar a povoação e guardar as estradas pela PIDE e pela GNR e tenta abafar pelo terror e pela intimidação a luta dos trabalhadores e do povo de Alcochete. A PIDE e a GNR prenderam até agora 35 grevistas (...). Os grandes industriais, em especial o Quintela e o Dias de Sousa ajudados pela PIDE e a GNR (...) contrataram gente doutros locais e mulheres das secas do bacalhau e das descargas do Porto de Lisboa a quem pagam a 50\$00 e asseguram as deslocações. Muitos trabalhadores doutras terras (Samouco, Montijo, Vila Franca, Samora, Benavente e outras), numa bela manifestação de solidariedade com os trabalhadores alcochetanos, recusaram-se a furar a greve, mas outros trabalhadores menos conscientes prestaram-se a fazer o jogo dos Quintela & Cª, e muito prejudicaram assim a luta dos salineiros de Alcochete.

(...) Apoieiros a luta destes heróicos trabalhadores, intensifiquemos a campanha de solidariedade aos grevistas e suas famílias, reclamemos a libertação dos presos e condições humanas para o seu trabalho».

(«Os salineiros de Alcochete estão há um mês em greve!» - «Avante!», VI série, nº 241, Agosto de 1967)

# Agenda /

Avante!

Ano 60 - Série VII

N.º 870

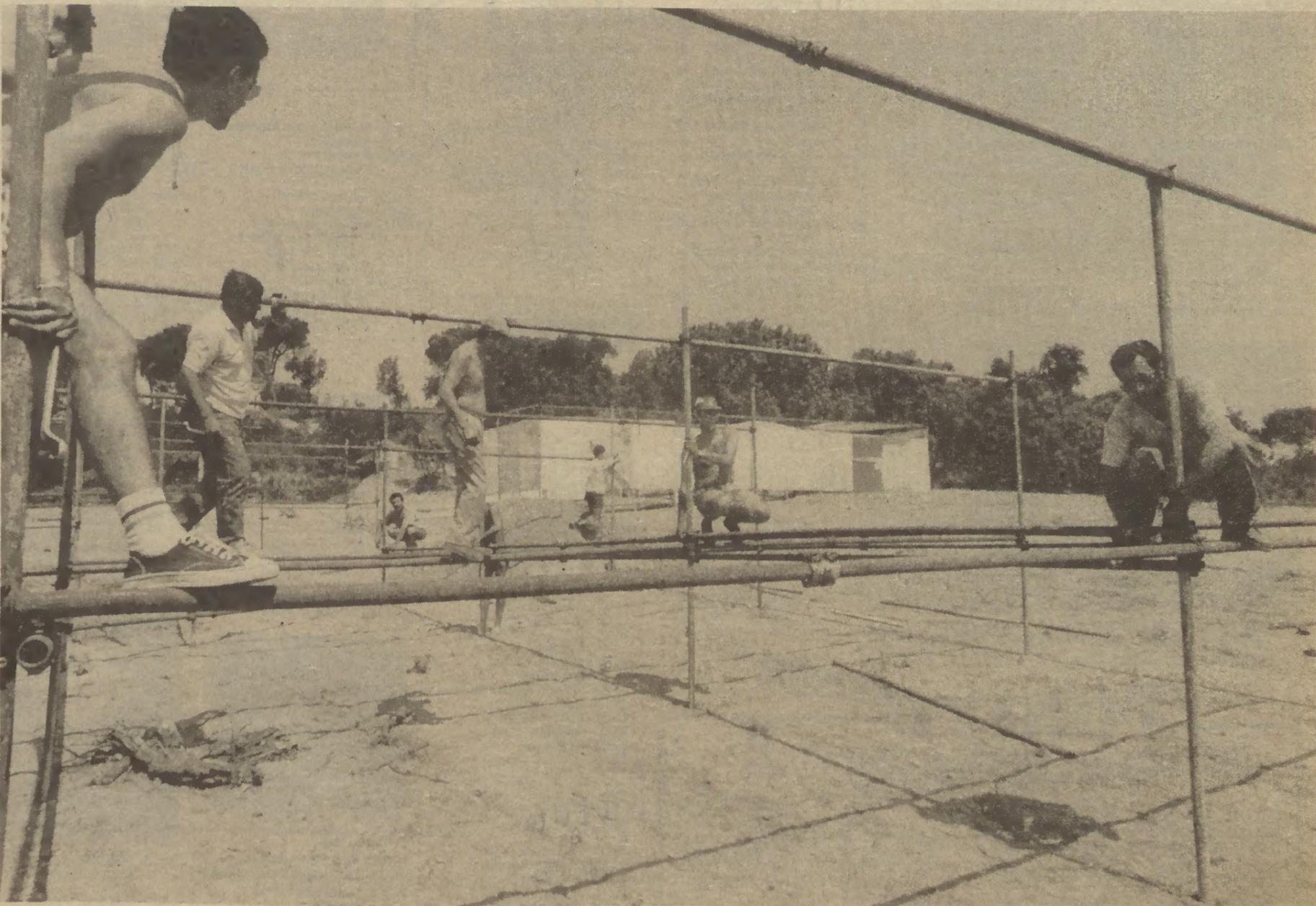
23 de Agosto de 1990

3.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

**Só faltam  
duas semanas!  
E muito trabalho  
ainda a fazer...**

XIV  
Festa  
Avante!



# TV **O Programa**

**Quinta 23**

**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez (inclui «O Sítio do Picapau Amarelo»)
- 12.05 - A Gata Comeu (76º epis.)
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Um Anjo na Terra (56º epis.)
- 14.15 - Pescadores (8º epis.) - Odemira
- 14.35 - The Beatles
- 15.30 - Casa de Irene
- 16.00 - Desenhos Animados
- 16.20 - O Cacilheiro do Amor
- 17.05 - O Mundo Animal (40º epis.)
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Jogo de Cartas
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.15 - Roda de Fogo (44º epis.)
- 21.05 - Guerra de Espiões (1º epis.)
- 22.00 - Luta pela Democracia (6º epis.)



- 23.00 - Murphy Brown (20º epis.)
- 23.30 - 24 Horas
- 24.00 - Remate

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.20 - Os Supergatos
- 14.45 - Espaço Infantil
- 15.00 - Filhos e Filhas (539º epis.)
- 15.25 - Agora, Escolha!
- 17.00 - Os Centuriões (20º epis.)
- 17.30 - O Fantasma de Faffner Hall (2º epis.)
- 17.55 - Os Desafios da Lei (18º epis.)
- 18.55 - Ti-ti-ti (4º epis.)
- 19.15 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco» (24º epis.)
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Emoções (30º epis.)
- 22.00 - Sinais do Tempo



- 23.00 - O Processo Franchise (5º epis.)

**Sexta 24**

**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Guerra e Paz (4º epis.)
- 14.20 - O Mar e a Terra (8º epis.)
- 14.50 - Japan: Oil in Canvas
- 15.50 - A Ilha (3º epis.)
- 16.40 - O Mundo Animal
- 17.05 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Jogo de Cartas
- 19.00 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.15 - Roda de Fogo
- 21.05 - Wolf (7º epis.)
- 21.55 - A Magia de Paul Daniels



- 22.45 - Chefe, Mas Pouco (28º epis.)
- 23.10 - 24 Horas
- 23.40 - Remate
- 23.55 - Pela Noite Dentro - «O Expresso da Meia Noite», real. Alan Parker (GBR/1978, 121 min.)

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.20 - Os Supergatos
- 14.45 - Espaço Infantil
- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Agora, Escolha!
- 16.50 - As Três Damas do Quilisque (série, 1º epis.)
- 17.15 - Aventura do Silêncio (últº epis.)
- 17.40 - 1º Andamento
- 18.10 - Zircus
- 18.45 - Ti-ti-ti
- 19.15 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - O Pagador de Promessas (5º e 6º epis.)
- 23.00 - Rotações
- 24.00 - Haja Música

**Sábado 25**

**RTP1**

- 09.00 - TV Rural
- 09.25 - Espaço Infantil/Juvenil
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Moscow Music and Peace Festival (4º parte)
- 14.05 - Lendas e Factos da História de Portugal (série, 1º epis.)
- 14.30 - O Barco do Amor (14º epis.)
- 15.20 - Vivamúsica
- 16.05 - Desenhos Animados
- 16.30 - Sessão da Tarde - «Raízes de Ouro», real. Delmer Daves (EUA/1958, 106 min.)
- 18.20 - Ouro Negro (5º epis.)

- 19.15 - Nem o Pai Morre... (9º epis.)
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado



- 21.30 - Campion (4º epis.)
- 22.20 - Gala Real Inglesa 89 (1ª parte)
- 23.35 - Cinema da Meia-Noite - «O Exterminador Implacável», real. James Cameron (EUA/1984, 103 min.)

**RTP2**

- 09.00 - Desenhos Animados
- 09.30 - Telefilme - «Um Rapaz de Coragem»
- 10.10 - Caminhos
- 10.40 - Zona Jazz
- 11.30 - Um Lar para os Animais
- 12.25 - Psalmus
- 12.45 - Tauromaquia
- 13.10 - Cine-Sábado - «Que o Diabo Seja Surdo», real. Norman Panama e Melvin Frank, interpr. Danny Kaye (EUA/1954, 99 min.)
- 15.00 - Estádio
- 19.00 - Primeiro Jornal
- 19.15 - Boa Esperança (4º epis.)
- 21.00 - Estádio
- 23.30 - Fora de Horas

**Domingo 26**

**RTP1**

- 09.00 - Espaço Infantil
- 11.30 - 70x7
- 12.00 - Missa
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Balros Populares de Lisboa
- 13.35 - Nem o Pai Morre... (10º epis.)
- 14.00 - Oito e Oitenta (10º progr.)
- 15.15 - Aquí D'Elrock (festival de música rock na Caparica - IV)
- 16.15 - Cidades do Património Mundial - Évora
- 16.45 - Desenhos Animados
- 17.00 - Primeira Matinée - «A Fórmula», real. John G. Avildsen (EUA/1980, 113 min.)
- 19.00 - McGyver (48º epis.)
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.35 - Querido John (22º epis.)
- 21.05 - Mercadores das Trevas (3º epis.)
- 22.00 - Domingo Desportivo

**RTP2**

- 09.00 - Música n'América
- 10.00 - Troféu
- 12.00 - Espaço Infantil
- 12.40 - Novos Horizontes
- 13.00 - Troféu
- 19.00 - Primeiro Jornal
- 19.15 - Vestígios do Passado (3º epis.)
- 20.00 - A Bela e o Monstro

- 21.00 - Cineclube - «O Crepúsculo dos Deuses», real. Billy Wilder (EUA/1950, 107 min)
- 22.50 - Ténis

**Segunda 27**

**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Com Amor! (série, 1º epis.)
- 14.20 - A Água e a Vida (10º epis.)
- 14.45 - The Temptations Live Concert
- 15.45 - Casa de Irene
- 16.15 - Buck Rogers
- 17.00 - O Mundo Animal
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Jogo de Cartas
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.15 - Roda de Fogo
- 21.10 - A Fala (espectáculo do 5º aniv. da Televisão da Galiza)



- 22.20 - Dadah - Elos Fatais (2º epis.)
- 23.10 - 24 Horas
- 23.40 - Remate

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.20 - Os Supergatos
- 14.45 - Espaço Infantil
- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Zircus
- 16.10 - Atletismo - Campeonato da Europa
- 19.25 - Ti-Ti-Ti
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Teatro - «Baton», de Alfredo Cortez, real. Artur Ramos
- 22.55 - Uma Noite de Rock Australiano

**Terça 28**

**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Dallas (38º epis.)
- 14.15 - Rotas do Extremo Ocidente (6º epis.)
- 14.40 - Kool and The Gang
- 15.30 - A Casa de Irene
- 16.00 - Desenhos Animados
- 16.15 - Diamond and Debbie (série, 1º epis.)
- 17.05 - O Mundo Animal
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Jogo de Cartas
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.15 - Roda de Fogo
- 21.05 - Primeira Página
- 22.10 - Saracen (7º epis.)
- 23.05 - 24 Horas
- 23.35 - Remate

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.35 - Espaço Infantil
- 14.50 - Filhos e Filhas
- 15.15 - Agora, Escolha!
- 16.35 - Os Novos Caça-Fantasmas (40º epis.)



**Filmes**

- «O Expresso da Meia-Noite» - 6ª, 00.30, RTP-1
- «Que o Diabo Seja Surdo» - sáb., 13.10, RTP-2
- «Raízes de Ouro» - sáb., 16.30, RTP-1
- «O Exterminador Implacável» - sáb., 23.35, RTP-1
- «A Fórmula» - dom., 17.00, RTP-1
- «O Crepúsculo dos Deuses» - dom., 21.50, RTP-2
- «O Campanário da Aldeia» - 3ª, 21.50, RTP-2
- «A Rapariga do Tambor» - 4ª, 21.25, RTP-1

**Música**

- Quinta
- 14.35, RTP-1: The Beatles
- Sexta
- 19.55, RTP-2: Via Rápida
- 01.30, RTP-2: Haja Música



- Sábado
- 10.40, RTP-2: Zona Jazz
- 13.10, RTP-1: Festival de Moscovo (4ª parte)
- 15.20, RTP-1: Vivamúsica
- 22.20, RTP-1: Gala da Casa Real Inglesa

- Domingo
- 09.00, RTP-2: Música n'América

- Segunda
- 19.55, RTP-2: Via Rápida
- 21.10, RTP-1: Espectáculo da Televisão da Galiza (1ª parte)
- 22.55, RTP-2: Uma Noite de Rock Australiano

- Terça
- 14.40, RTP-1: Kool and The Gang
- 19.55, RTP-2: Via Rápida

- Quarta
- 14.45, RTP-1: Tears for Fears
- 19.55, RTP-2: Via Rápida

**Desporto**

- Remate - RTP-1, 5ª (24.00), 6ª (23.40), 2ª (23.40), 3ª (23.35), 4ª (00.20)
- Domingo Desportivo - RTP-1, 22.00
- Estádio - RTP-2, sáb., 15.00 e 21.00
- Troféu - RTP-2, dom., 10.00 e 13.00 e 22.50
- Campeonato da Europa de Atletismo - A partir de 2ª feira na RTP-2

- 17.00 - No Rasto dos Animais Selvagens
- 17.55 - Atletismo - Campeonato da Europa
- 18.55 - Ti-Ti-Ti
- 19.20 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Cinemazine
- 21.50 - Cinemadols - «O Campanário da Aldeia», real. Philippe Constantini (França/1989, 73 min.)

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Espaço Infantil
- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Agora, Escolha!
- 16.40 - National Geographic (4º epis.)
- 17.35 - Atletismo - Campeonato da Europa
- 18.40 - Ti-Ti-Ti
- 19.05 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Três Moedas para Sarah (2º epis.)

**Quarta 29**

**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 11.00 - Missa
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Clínica Geral (24º epis.)
- 14.20 - Estrada Larga (9º epis.)
- 14.50 - Tears for Fears
- 15.45 - A Casa de Irene



- 16.15 - Acção em Miami (9º epis.)
- 17.05 - O Mundo Animal
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Jogo de Cartas



- 22.25 - Século XX - «A História de Klaus Barbie» (4º epis.)
- 23.15 - Fados do Fado (3º progra.)

# Teatro **O Cartaz**

• LISBOA

1º Acto, Rua Eduardo Pedroso, 16-A, Algés. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17. O Fado, a Navalha e a Guitarra ou a História da Rosa Enjeitada, de

D. João da Câmara, encen. Fernando Gomes, pelo Grupo Persona.

Ritz Clube, Rua da Glória, 57. 6ª e sáb. às 22. O Regresso de Bucha e Estica, encen. Mário Viegas.

Teatro Maria Vitória, Parque Mayer. De 3ª a dom. às 20.30 e às 23. Vitória! Vitória!, de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga, Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

• CASCAIS

Teatro Mirita Casimiro, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3ª a sáb. às 21.30, sáb. às 16. Rel Lear, de Shakespeare, enc. Carlos Avilez, pelo TEC

# Exposições

**- LISBOA**

**António Areal** - exposição retrospectiva (1934-1978). Centro de Arte Moderna, Rua Nicolau Bettencourt, 4.ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª). Até 7/9

**Arte Suíça Contemporânea**. Fundação Gulbenkian/CAM (galerias de exposições e parque). 4.ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª). Até 9/9.

**Artistas Famosos** - colectiva de serigrafia. Escorial, Rua Portas de Santo Antão, 47 (até 20/9)

**Azulejos do Metro** - mostra dos azulejos de autor que decoram as estações do Metro de Lisboa: trabalhos de Maria Keil, Cargaleiro, Júlio Pomar, Sá Nogueira, Rogério Ribeiro, Eduardo Nery, Vieira da Silva. Museu do Azulejo, Rua Madre de Deus, 4. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17 (até 14/10)

**No Centenário da Morte de D. Luís** - A sua vida e a sua época, em exposição evocativa de que fazem parte peças raramente expostas, designadamente as jóias da Coroa e obras de arte da

colecção pessoal do rei. Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até Setembro)

**Colectiva** (pintura de Graça Morais, Menez, António Dacosta, entre outros). Galeria 111, Campo Grande, 113 (até fim de Setembro)

**Colectiva de desenho** (Bual, Hogan, Lima de Freitas, Dourdil, Stuart, Tom). Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja, 46-A (até 15/9)

**Colectiva de Desenho** (Bual, Dourdil, Hogan, Lima de Freitas, Stuart, Tom). Es-

paço Ditec, Av. Igreja, 46-A. De 2ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 19.30.

**Colectiva de Pintura e Desenho**. Galeria DN, R. António Maria Cardoso, 41 (até fim de Agosto)

**Desenhar a Revista** - Cenários e figurinos para o Teatro de Revista (de 1900 a 1960). Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17.

**Eduardo Luiz** - retrospectiva de pintura. Fundação Gulbenkian, Av. de Berna. 4.ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10

às 17 (fecha 2ª). Até 2/9.

**Evocação de Ivone Silva**. Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10.

**«90 Anos de Arte Moderna Portuguesa»** (colectiva). Galeria de S. Bento, Rua do Machado, 1. De 2ª a sáb. das 11 às 13 e das 15 às 20.

**Miguel Mira** - Pintura e desenho. Biblioteca Nacional, Campo Grande

**Paulo Cardoso** - Pintura. Gal. S. Mamede, R. Escola Politécnica, 167. 2ª das 15 às 19.30, 3ª a sáb. das

10.30 às 13 e das 15 às 19.30.

**Saldanha da Gama** - Pintura e desenho. Gravura, Trav. do Sequeiro, 4, r/c.

**Um Século de Electricidade**. Central Tejo, Av. Brasília (Belém). De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 19 (ao sáb. até às 22, ao dom. até às 18).

**Tapeçaria do Séc. XVI** - Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17.

**«Verão» - colectiva** (Álvaro Rosendo, Edgar Massul, João Miguel, José Drummond, Manuel San Payo, Mariana Viegas, Miguel Tolentino). Galeria Monumental, Campo Mártires da Pátria, 101. De 3ª a dom. das 15 às 19.30 (até 2/9)

**Vitor Ribeiro** - Aquarelas. Mãe d'Água das Amoreiras, Praça das Amoreiras, 10.

sa 1842-1979 (da colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea). Galeria de Exposições Tem-

porárias do Palácio Nacional de Queluz. De 4ª a 2ª das 10 às 13 e das 14 às 17 QUE-LUZ

**Rui Vasquez** - Pintura e cerâmica. Até 9/9, Galeria Municipal, VILA FRANCA DE XIRA.



**- PORTO**

**Arte Efémera na Paisagem** - exposição de espantalhos. Parque de Serralves (até 29/9)

**Gilberto Zorio** - Esculturas recentes, instalação. Casa de Serralves, R. de Serralves, 977 (até 2/9)

**Cartazes de homenagem a Vincent Van Gogh** - exposição internacional. Casa de Serralves, R. de Serralves (até 2/9)

**Exposição Colectiva de Sócios da Árvore** (trabalhos de cerca de 70 artistas). Cooperativa Arvore, Rua Azevedo Albuquerque, 1. De 2ª a 6ª das 14 às 23.30, sáb. das 15 às 19 e das 21.30 às 23.30 (até 31/8)

**- OUTRAS LOCALIDADES**

**Alfredo Garcia Revuelta** - pintura. Centro Cultural S. Lourenço, ALMANCEL

**Pratos - Tradição Renovada** - colectiva de cerâmica. Palácio dos Duques de Aveiro, Pç. da República (até 2/9) AZEITÃO

**Cabrita Reis** - «Alexandria», instalação. Até 28/8, Convento de S. Francisco, Lg. D. Nuno Álvares Pereira, BEJA

**Américo Silva** - gravura, fotografia. Museu José Malhoa (até 7/10) CALDAS DA RAINHA

**Exposição Colectiva de Pintura Naturalista**. Almadarte, Av. Gen. Humberto Delgado, 3-B, COSTA DA CAPARICA

**X Salão Nacional de Pintura Naif**. Até 24/9, Galeria de Arte do Casino, ESTORIL

**Vitor Belém** - Pintura. Museu Municipal Dr. Santos Rocha (até 15/9) FIGUEIRA DA FOZ

**António Franco** - desenho e pintura. Museu Municipal/Casa do Adro (até 2/9) LOURES

**3ª Bienal Internacional de Óbidos** - pintura. Até 2/9, ÓBIDOS  
Pintura Portuguesa



**Autores famosos como Miró, Saura e Picasso numa colectiva de serigrafia em Lisboa**

# Cinema A selecção

		David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b>	Ata-me!	—	★★	—	★★
<b>B</b>	Jules e Jim	—	★★★★	★★★★	★★★★
<b>C</b>	Na Corda Bamba	—	★★	—	★★★
<b>D</b>	O Regresso ao Futuro III	—	—	—	★★
<b>E</b>	O Triunfo do Espírito	—	★	—	★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Pedro Almodovar — Amoreiras/9 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 24.00); Las Vegas/2 (15.30, 18.45, 21.45); Londres (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Quarteto/2 (14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00, 24.00) — Lisboa.
- B — Real. François Truffaut — Forum Picoas (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) — Lisboa.
- C — Real. John Badham — Alfa/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras/6 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Mundial/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45); S. Jorge/3 (15.30, 16.45, 19.00, 21.15).
- D — Real. Robert Zemeckis — Alfa/1 e Amoreiras/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); Apolo 70, Londres, Mundial/1 e Star (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Berna (15.15, 18.00, 21.30); Fonte Nova/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15); Império e S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa.
- E — Real. Robert M. Young — Amoreiras/7 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) — Lisboa

**ANTOLOGIA**

PLANTU — França — in «A Preto e branco» — Publicações D. Quixote

# Tempo Fim de Semana

Até sexta-feira ocorrência de trovoadas. Para sábado e domingo melhoria do tempo.

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)

# a TV

## Auxílio, sim. Esmola, não.

O fogo ameaçava a Covilhã. O medo crescia. Justificadamente. As chamas batiam às portas da Cidade...

Não estamos longe daquela primavera em que, pela televisão, o governo nos tranquilizou. Calma, este verão vai ser diferente. Foram disponibilizadas verbas para os meios aptos a enfrentar qualquer emergência. Povo pode dormir, governo vela...

Sabemos hoje o que se passou. E sabe Deus o que ainda se vai passar...

Voltemos à Covilhã. Informou-nos o Telegolpe que Fernando Nogueira, na impossibilidade de Cavaco Silva, ia a caminho para coordenar as operações...

Não se sabe até hoje o que de facto coordenou. Em mangas de camisa e de gravata, de facto, estava ele quando anunciou que ia desbloquear 30 mil contos para auxílio...

O ministro enganou-se. Povo quer mesmo auxílio. Não quer esmola.

## Um dado essencial

A informação da RTP tem despejado catadupas de notícias sobre a questão do Kuwait. O que Bush diz e não diz, os barcos que já partiram para o Golfo, os que vão partir, os milhões de dólares que os Estados Unidos vão gastar em armas sofisticadas e por sofisticar, os exercícios no deserto contra armas químicas, etc., etc.

Não fez, contudo, o que se lhe exigia de prioritário: o esforço para situar a audiência, situá-la inclusive no plano geográfico, no envolvimento político e social, nos problemas e nos interesses em jogo, etc., etc. **Telegolpe** e seus satélites partem candidamente do princípio de que a sua audiência já sabe tudo isso, ah, pois claro, o Iraque, o Kuwait, o petróleo, as religiões, a grande riqueza e a grande miséria? Isso para nós é canja, ao longo dos anos a RTP não tem feito outra coisa senão dizer à gente como tudo isso é...

Por outro lado, escamoteia o ninho e os ovos de serpente, os perigos de mais uma aventura bélica dos Estados Unidos. Que parecem ser apenas segredo para a RTP. Vejamos, por exemplo, o que o correspondente de o **Público** escreve de Nova Iorque:

*O conflito no Médio Oriente vai, no entanto, trazer um certo alívio à indústria bélica, que tem vindo a perder força política, fortalecendo a posição daqueles congressistas que insistem na necessidade de não cortar as verbas militares, de continuar a produzir mísseis MX e bombardeiros B-2 e investir no programa «Guerra das Estrelas».*

*Na opinião de alguns republicanos, as férias do período pós-guerra já estavam a ser muito longas.*

Este dado é essencial para se compreender a realidade. **Telegolpe** acha que não. Questão de critério. E o critério é questão de quê?

## No reino do terror

As quartas-feiras passa no segundo canal, por volta das 22 horas, um programa a ver obrigatoriamente: **Hotel Terminus**. Trata-se de um filme de Marcel Ophuls, com a duração de quatro horas, que a RTP dividiu em outras tantas partes, a transmitir semanalmente. Ou seja, os meus leitores que não viram os episódios anteriores, podem ainda ver o último, na próxima quarta-feira.

**Hotel Terminus** era o local onde, em Lyon, o carniceiro Barbie instalara o quartel-general da Gestapo. Basicamente, é constituído por depoimentos de várias personagens envolvidas no processo - resistentes antinazis, seus familiares, colaboracionistas, membros da polícia de Vichy que trabalhavam com os ocupantes, antigos dirigentes das SS (hoje reciclados e membros de organizações devidamente recicladas...) bem como americanos membros da CIA agora, e ao tempo organizadores do CIC - um organismo de espionagem que actuava na Alemanha Ocidental ainda decorria uma guerra quente a caminho da guerra-fria.

Escutemos Cohen Bendit, dirigente estudantil do Maio 68, em França:

*A carreira de Barbie simboliza o percurso da Alemanha Ocidental, porque, depois da guerra, começava o conflito Leste-Oeste e os aliados precisavam dos conhecimentos dos nazis. Isso resultou e Barbie foi útil. Não enganou os americanos. A guerra com ingleses e americanos tinha acabado, mas havia ainda o inimigo principal: os comunistas. Ele era especialista nos métodos da polícia e podia ajudar os americanos...*

Desta necessidade de combater o «inimigo comum» nasceu o CIC, de que fazia parte Robert Taylor, hoje um respeitável cidadão gorducho e sorridente. Foi ele quem deitou Klaus Barbie na tábuca de salvamento e o livrou da justiça. Que ideia? fazia ele de Barbie, na altura? Bem, achava que era uma pessoa honesta, sem medo, um homem de confiança, fortemente anticomunista, no fundo, um «idealista nazi»...

Quanto a mim, um dos méritos do filme de Marcel Ophuls reside não apenas na denúncia da ideologia nazi, mas na correcção de certos vícios de visão.

De facto, criou-se a ideia de que as únicas vítimas dos nazis foram os judeus, quando a verdade é que a repressão se fez sentir com todo o peso sobre os comunistas.

Não ignoremos esse facto. E não esqueçamos também que a ideologia nazi (na Alemanha e não só...) está longe de ser um problema do passado...

■ **Ulisses**

# Síntese semanal da IMPRENSA

## LEMBRAM-SE?

### Do cão raivoso

«Os nomes odiosos estão outra vez em voga no Médio Oriente. Apenas quatro anos depois de os Estados Unidos terem bombardeado "o cão raivoso do Médio Oriente", as forças norte-americanas estão prontas para a guerra com "o carniceiro de Bagdad". A Marinha dos Estados Unidos, que há três anos garantiu a liberdade de navegação no Golfo, prepara um bloqueio naval. E a defesa da terra onde se situam os dois templos mais sagrados do Islão é agora — segundo o presidente George Bush — sinónimo de defesa da liberdade e do "American way of life".

Os que acreditam que este "modo de vida" tem muito que ver com a liberdade de guiar automóveis podem ser perdoados por pensarem por que razão os EUA mostram subitamente tanta afeição por um país que habitualmente corta à espadeirada os membros e as cabeças dos seus vilões.

"Cartoonistas" de jornais norte-americanos apresentam rotineiramente os sauditas — da forma mais racista — como árabes ricos e de nariz aquilino vestidos com elegância. Agora são guerreiros do deserto cujo reino vulnerável deve ser protegido pelo "Escudo do Deserto" dos EUA.»

### do «fracote»

«A transição moral no Médio Oriente é realmente rápida. Apenas há alguns meses, o monarca jordano era ainda "o reininho tenaz", cuja teimosia tinha garantido a independência do seu país de israelitas e palestinianos. Mas o rei Hussein tornou-se agora — nas palavras de um oficial da Força Aérea norte-americana enviado para o Golfo — "o fracote do Médio Oriente". É que ele não escolheu juntar-se à cruzada ocidental contra Saddam Hussein.

Em 1990, as tripulações das forças aeronavais dos EUA usavam "t-shirts" em que o "ayatollah" Khomeini aparecia como uma encarnação do diabo. Seis anos depois, as mesmas tripulações vestiam outras "t-shirts", com a legenda "Vamos 'lixar' Mo-ammarr [Khadafi]". Agora, os fuzileiros dos Estados Unidos mandam imprimir camisas que os identificam como "Saddam-busters", genuínos "caça-Saddam". As memórias, ao que parece, esbatement-se mais depressa dos que as "t-shirts".

Nem as invectivas mútuas entre dirigentes ocidentais e do Médio Oriente garantem muitas esperanças de clarificação de situações. Em 1986, Khadafi referia-se usualmente a Ronald Reagan como "essa senil estrela de cinema". Reagan chegou a chamar ao coronel "tótó", numa expressão que teve de ser explicada a Khadafi por um correspondente da TV americana.

Depois de os caça-bombardeiros norte-americanos terem atacado Tripoli e Benghazi, Reagan proclamou que Khadafi "pode fugir mas não conseguirá esconder-se". Mas o coronel não se escondeu. Na realidade, construiu paulatinamente um enorme complexo para fabrico de armas químicas em Rabta e ninguém fala em bombardeá-lo outra vez.»

### da USS Stark?

«Agora, Saddam Hussein chama a Bush "um mentiroso"; Bush sobe o tom e refere-se a Saddam como "um mentiroso e um assassino". Em 1987, quando Saddam mentia bastante ao seu próprio povo e matava muito, Bush — que era então vice-presidente — era muito mais educado. Nesses dias, a embaixada dos EUA em Bagdad — sabendo muito bem que os torcionários de Saddam chicoteavam os filhos de presos políticos em frente dos pais — andava atarefada a passar aos iraquianos informação recolhida por satélite sobre o movimento de tropas iranianas, muitas das quais recebiam posteriormente um tratamento com uma forte dose de gás de mostarda. O governo dos EUA permitiu ainda que a bandeira norte-americana fosse içada nos petroleiros do Kuwait, que tinha caído sob a fúria do Irão ao prestar enorme apoio financeiro a Saddam Hussein.

Lembram-se da "USS Stark"? Eis uma bela frase para uma "t-shirt". Mas, é claro, o ódio da América pelo Irão permitiu-lhe que desculpasse Saddam Hussein por um dos seus caça-bombardeiros ter atacado a fragata norte-americana no Golfo com mísseis Exocet em 1987.

Saddam, poderá agora recordar-se discretamente, apresentou condolências, ofereceu compensações e pediu desculpa — tudo aceite por Reagan.»

### dos «bons»

«Nessa altura, o Iraque estava a combater o inimigo dos norte-americanos, o Irão. Saddam Hussein era um dos "bons". O presidente Reagan decidiu que, uma vez que o jacto iraquiano não teria disparado sobre a "Stark" se não andasse à procura de um alvo iraniano, o culpado era no fim de contas o Irão.

O Irão é neste momento um potencial, ainda que distante, aliado dos Estados Unidos, exigindo uma retirada iraquiana do Kuwait e dando a entender que poderia garantir a libertação dos reféns ocidentais no Líbano.

Os kuwaitianos, que em 1987 tinham tanto medo do Irão que nem permitiam às tripulações dos navios americanos que descessem a terra quando escalavam a Cidade do Kuwait, tornaram-se um povo corajoso e conquistado

em luta pela liberdade contra as hordas iraquianas.

Apenas quatro dias antes de Saddam Hussein ter invadido o Kuwait, Richard Murphy, o ex-secretário de Estado adjunto norte-americano para assuntos do Médio Oriente, ainda papagueava a posição oficial de que era exagerado "comparar o regime de Saddam Hussein com a Alemanha nazi".

O líder iraquiano era "um homem duro", segundo Murphy. Mas, quatro dias mais tarde, tornara-se "o Hitler do Médio Oriente".»

## do arquitecto do terrorismo

«E a Síria? Há sete anos, os Estados Unidos chamavam à Síria um arquitecto do "terrorismo de Estado". A Grã-Bretanha cortou relações com Damasco porque ficou provado em tribunal que o seu embaixador em Londres tinha dado assistência a um homem que procurava colocar uma bomba num avião israelita. Os norte-americanos suspeitam que foi um grupo com base na Síria que fez ir pelos ares o jacto da "Pan Am" sobre Lockerbie em 1988. A CIA até pensa que os sírios ajudaram a organizar o atentado contra o quartel-general dos "marines" em Beirute, em que morreram 241 militares norte-americanos.»

E agora os soldados sírios estão ombro a ombro com os colegas desses "marines" assassinados, ao mesmo tempo que ajudam as tropas britânicas — cujo governo se recusa a falar com o seu governo — a defender os desertos da Arábia Saudita. Tudo isto prova, talvez, que é possível apenas ter um inimigo de cada vez.»

## do regime malvado

«Esta transformação moral não é apenas um fenómeno ocidental. Os iranianos apresentavam habitualmente o Xá como um diabo. Saddam chamou sempre ao Irão um "regime malvado" e a semana passada lá estava ele a dirigir-se ao líder iraniano como "o querido irmão Presidente Ali Akbar Hachemi Rafsandjani". Os dirigentes do Golfo cortejados por Saddam — incluindo o rei saudita, que o Iraque reconheceu como o guardião dos lugares sagrados — estão a ser apresentados como agentes do sionismo. Saddam Hussein pede até o derrube do seu velho amigo Hosni Mubarak.

Se tudo isto parece uma farsa, ainda vale a pena recordá-lo, nesta altura em que o Golfo se aproxima da guerra. Todos os lados identificaram causas que desejam defender. Mas se houver um conflito armado, muitas centenas — talvez muitos milhares — de vidas jovens serão sacrificadas aos objectivos de guerra das várias nações e líderes.

Neste caso, os sobreviventes podem tomar como requiem as palavras de outro antigo presidente norte-americano, Richard Nixon, que tinha uma frase preferida para estas ocasiões: "Lembrem-se de que outros podem odiar-nos, mas os que nos odeiam não ganharão, a menos que nós os odiemos — e então destruímo-nos".»

(Robert Fisk do «The Independent» in «Público» de 20 de Agosto)

# Damas

CCLXVII - 23 de Agosto de 1990

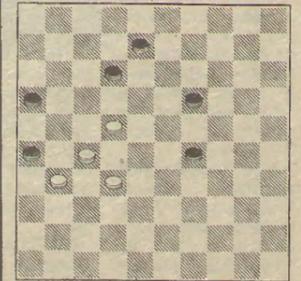
PROPOSIÇÃO N.º 267

Por: FÉRAUD

N.º 22 in *Les Dames*, 1945

Pr.: [6]: 8-12-16-19-26-29

Br.: [4]: 22-27-31-32



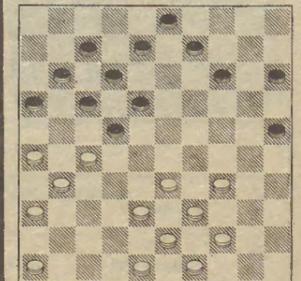
Branças jogam e ganham

GOLPE N.º 267

Por: RODOLPHE CANTALUPO  
N.º 217 in *Les Dames*

Pr.: [13]: 3-7-8-9-11-12-13-15-16-17-18-20-22

Br.: [13]: 26-27-31-33-34-36-38-39-43-44-46-48-49



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CCLXVII

N.º 267 (F.): 22-17!! (26x28), 27-22! (12x21), 22x2 = D +

Golpe N.º 267 (R.C.): 26-21 (17x37), 38-32 (22x31)-A, 36x27 (37x28), 33x2 = D + -A: Se (27x38), jogada de espera e +

A. de M.M.

# Xadrez

CCLXVII - 23 de Agosto de 1990

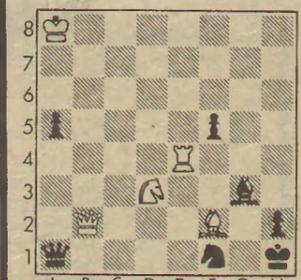
PROPOSIÇÃO N.º 267/A

Por: CAMIL SENECA

1.ª Menção, «Enigmística Populare», 1935

Pr.: [7]: Ps.a5, f5, h2-Cf1-Bg3-Da1-Rh1

Br.: [5]: Cd3-Bf2-T64-Db2-Ra8



Mate em 2 lances

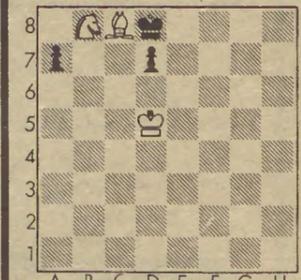
PROPOSIÇÃO N.º 267/B

Por: J. GUNSTA

«Das Illustrierte Blatt», 1922

Pr.: [3]: Ps.a7, d7-Rd8

Br.: [3]: Cb8-Bc8-Rd5



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CCLXVII

N.º 267/A (C.S.): 1. Db7!

1. ... Cd2; 2. T61 ++

1. ... Dd1; 2. T62 ++

1. ... C63; 2. T:e3 ++

1. ... D65; 2. T:e5 ++

1. ... Df6; 2. T66 ++

1. ... Dg7; 2. T67 ++

1. ... Dh8+; 2. T68 ++

1. ... Da4; 2. T:a4 ++

1. ... Db2; 2. Tb4 ++

1. ... Dc3; 2. Tc4 ++

1. ... Dd4; 2. T:d4 ++

1. ... f4; 2. T:f4 ++

1. ... B:f2; 2. Tg4 ++

1. ... Rg2; 2. Th4 ++

N.º 267/B (J.G.): 1. Bb7! Rç7; 2. Ba6! R:b8; 3. Rd6! Ra8 4. Rç7 e g. Se: 1. Ba6?, Rç7! =

A. de M.M.

# Adiante! festa!

AMORA-SEIXAL • 7, 8 e 9 SETEMBRO

Adiante!

Director

António Dias Lourenço

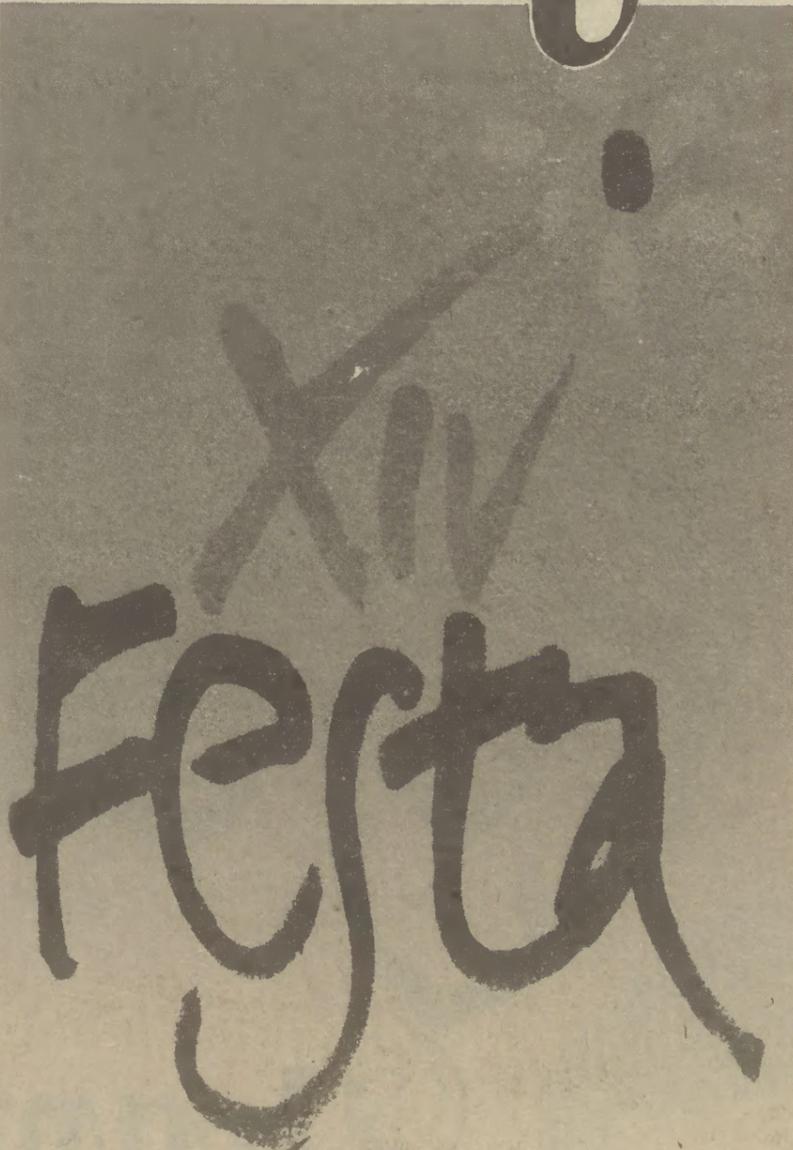
SUPLEMENTO N.º 10  
23 de Agosto de 1990

Não pode ser vendido  
separadamente

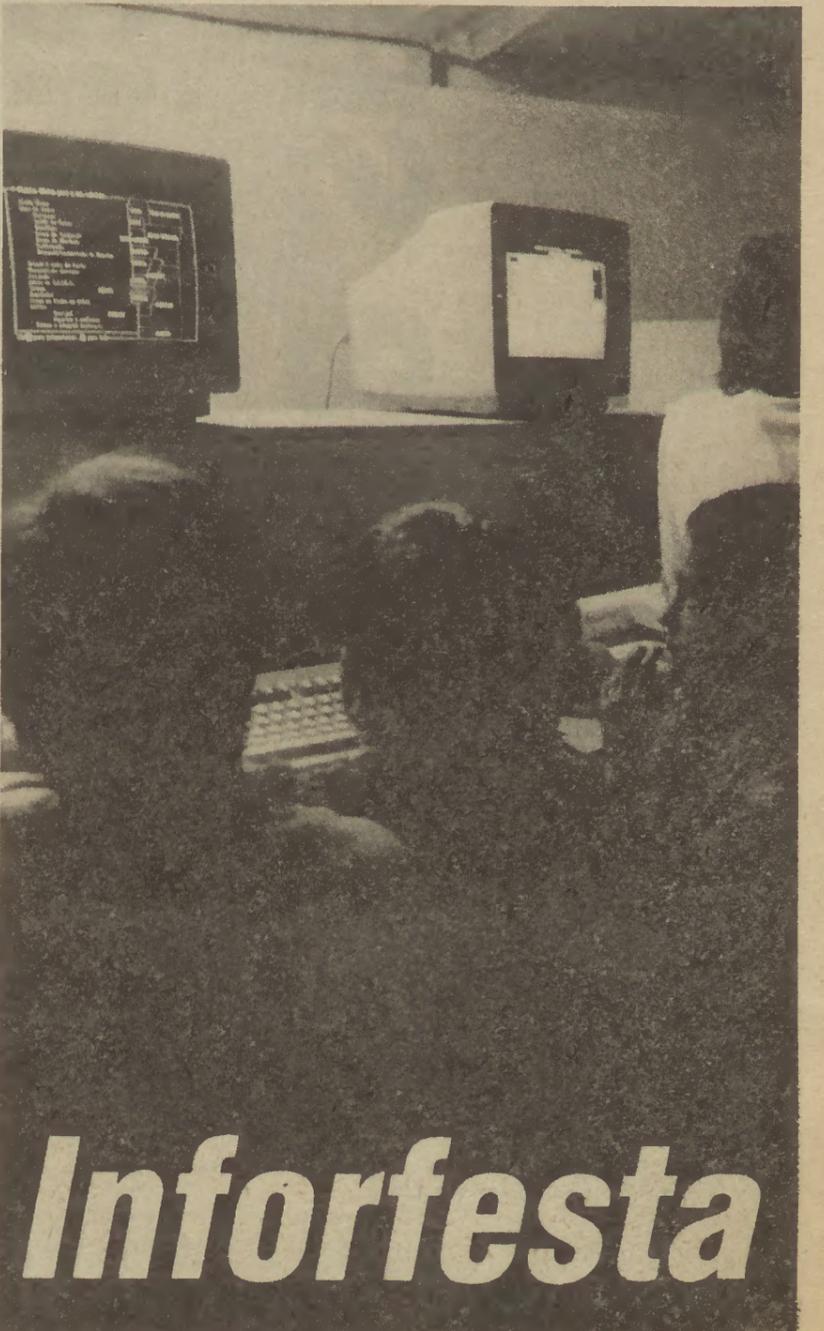
## Paddy Reilly



Uma serigrafia especial



Adiante!



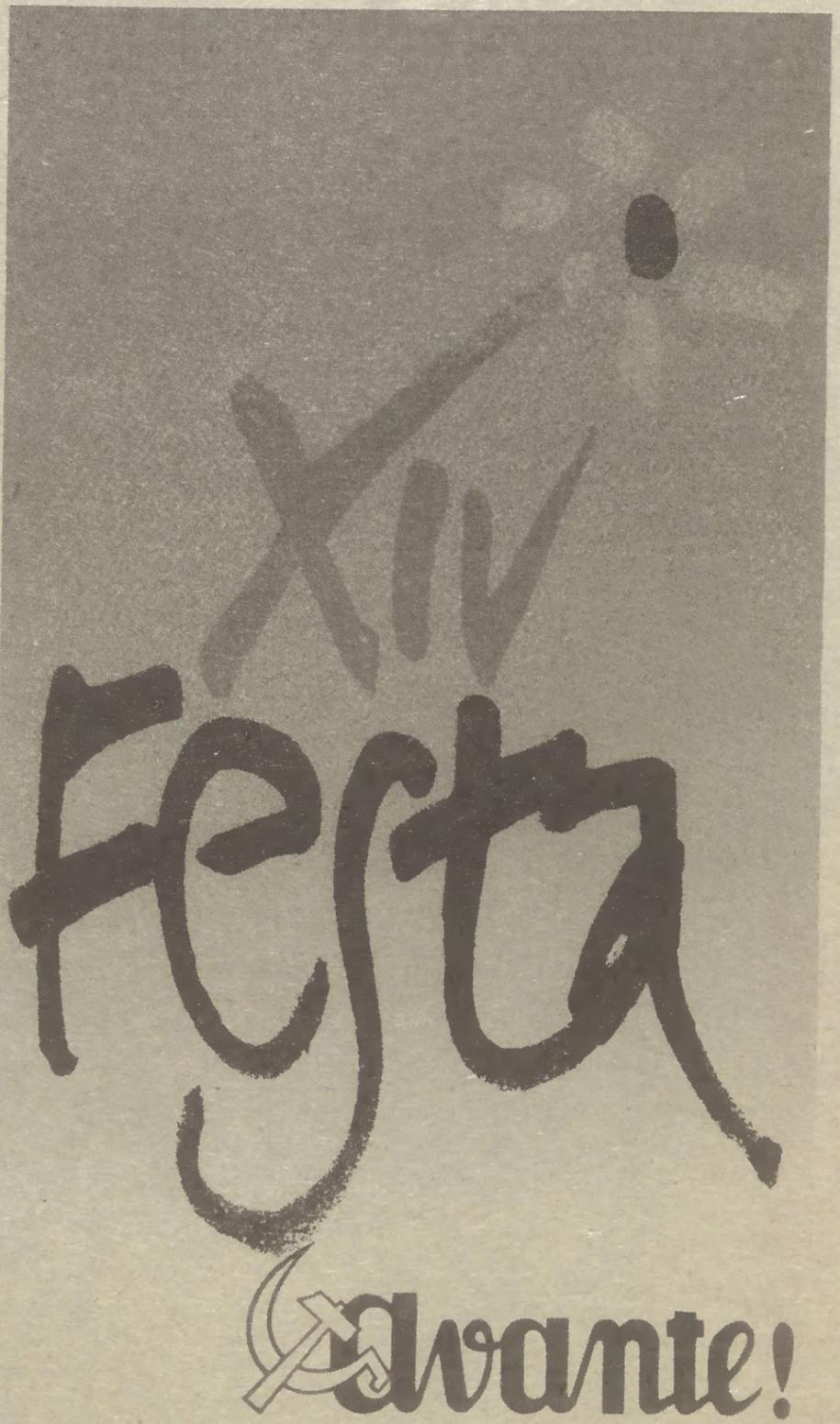
## Inforfesta

# Uma serigrafia especial

Numa edição do «Avante!», feita especialmente para a Festa deste ano, estará à venda, no pavilhão da campanha dos 150 mil contos, a serigrafia que aqui reproduzimos, da autoria de José Araújo, o responsável pelo grafismo do órgão central do PCP.

A serigrafia foi impressa a 6 cores e teve uma tiragem de 400 exemplares, devidamente numerados e assinados pelo autor.

Na Festa pode ser adquirida pelo preço de 1200 escudos. Também pode ser enviada pelo correio, bastando para isso que o pedido seja enviado (desde já) para a redacção do «Avante!» (Rua Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa Codex), acompanhado de um cheque ou vale de correio no valor da serigrafia, acrescido das despesas para portes de correio.



# Paddy Reilly com os Dubliners

Uma boa notícia da Irlanda!

Como se noticiou na edição do «Avante!», do dia 9, desde 1984, quando do desaparecimento de Luke Kelly, os Dubliners passaram a apresentar-se habitualmente com quatro elementos: Ronnie Drew, Barney McKenna, John Sheahan e Sean Cannon. Em espectáculos mais importantes - como os que em 1988/89 comemoraram os 25 anos do mais famoso grupo de música popular irlandesa - os Dubliners têm convidado a completar a formação diversos músicos que com eles têm trabalhado ao longo dos anos. Aliás, numerosos solistas e membros de bandas irlandesas - como é o caso dos Pogues - passaram num qualquer momento da sua carreira pelo trabalho com os Dubliners.

Ao efectuarem-se os contactos para a vinda dos Dubliners à Festa do «Avante!» insistiu-se que considerávamos que se tratava exactamente de uma das apresentações que inteiramente justificariam que o grupo se apresentasse com a sua composição de quinteto, ficando a aguardar resposta. Esta tardou, segundo o que nos diziam, por se procurar concretizar uma possibilidade de particular interesse.

Ela acabou por se concretizar e a notícia

chegou no final da passada semana. O quinto Dubliner que estará no palco «25 de Abril» na Atalaia é um nome que se justificaria vir até sózinho: **Paddy Reilly**.

Para os menos versados nas andanças da *folk* irlandesa, há que dizer que Paddy Reilly é o único intérprete irlandês que se pode gabar de ter tido simultaneamente duas canções suas nas *charts* da Irlanda e Grã-Bretanha durante vários meses. Recentemente, em 1989, dois discos seus - «Paddy Reilly Live» e «Fields of Athenry» (nos tops durante mais de um ano) - ganharam ambos discos de ouro por vendas superiores a 50 mil cópias.

Reilly não é aliás um estreante em matéria de discos de ouro: o seu álbum «The Town I Loved so Well», editado no final de 1975, ocupou lugares nas *charts* mais de sete vezes em diferentes ocasiões ao longo dos anos e vendeu mais de 100 mil cópias.

No mercado português de importação teve particular êxito um duplo álbum editado em 1987 comemorando o milénário da fundação de Dublin e que conta com numerosas figuras de primeiro plano da cena irlandesa: os Dubliners, é claro, e também Paddy Reilly que, com Ronnie Drew, é um dos solistas da faixa que despertou maior interesse, a ver-

são da velha canção de Dublin «Molly Malone», cantada em coro por todos os participantes, baptizados para o efeito de «The Band of the Dubs»...

Uma das figuras mais populares da música popular irlandesa, Paddy Reilly é igualmente uma presença obrigatória dos festivais *folk* realizados na Grã-Bretanha: de uma selecção de 15 das mais importantes realizações anuais deste Verão, em Inglaterra, França e Bélgica, Paddy faz parte do cartaz em 12, desde a Bretanha até à Escócia. Aliás, virá para Lisboa juntar-se aos restantes Dubliners - que viajarão de Dublin - proveniente de Birmingham, onde actua na quinta-feira antes da Festa.

Embora autor de numerosas composições, Paddy Reilly é considerado acima de tudo um intérprete de grandes recursos e os seus maiores êxitos contam com a participação de poetas e compositores igualmente de primeira linha de um universo musical florescente como é o da Irlanda. O famoso «The Town I Loved so Well» é da de Phil Coulter e narra a infância do autor na cidade de Derry, na Irlanda do Norte, devastada pela ocupação inglesa. O «The Fields of Athenry», por seu lado, que ganhou o ano passado um dis-

co de ouro, é de Pete St. John e constituira já um *hit* quando do seu aparecimento em 1982, ocupando lugar entre os singles mais vendidos. São numerosos os casos em que um bom intérprete lança para o êxito uma nova versão de uma canção que passara despercebida, mas são raros os que se atrevem a realizar novas versões de êxitos, e muito menos os que, correndo esse risco, conseguem novo sucesso. Diz bem da popularidade e qualidades de Reilly o conseguir, sete anos depois de um *hit*, levar a disco de ouro a sua versão de «The Fields of Athenry».

Paddy Reilly apresenta-se habitualmente a solo, acompanhado apenas da sua guitarra. Uma voz poderosa, mas de harmonias de enorme riqueza fazem dele talvez o mais querido cantor de um público como o irlandês onde o *cantar bem* continua a ser muito apreciado. Por outro lado, como a esmagadora maioria dos intérpretes *folk*, Reilly integra-se com a maior facilidade em duetos, trios, conjuntos vocais e polifonias que constituem igualmente uma das grandes riquezas de um património popular que é, lado a lado com as raízes africanas, uma das grandes matrizes de tudo o que se passa hoje na música popular anglo-saxónica.



# Inforfesta 90

Tornou-se hábito, de há uns anos para cá, ter computadores nas festas do «Avante!», mais ou menos à medida que se foi tornando hábito conviver com eles no dia-a-dia. Este ano, na zona central, teremos o Inforfesta 90, um espaço renovado de admiração e participação.

Lá estarão, actualizados e melhorados, programas já conhecidos de visitantes da Festa em anteriores edições e que também

estiveram no Congresso do Partido; no Inforfesta será possível obter - e até levar para casa, preto no branco - informações sobre o Programa do PCP, sobre os Estatutos, a organização, os resultados das últimas eleições para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu e para as autarquias locais, sobre a Festa do «Avante!» e o que se pode ver, ouvir, comer, beber...

Os visitantes do Inforfesta vão ter ao seu

dispor um banco de dados sobre as lutas do povo português. Durante o dia, num écran de 2 metros por 2,5, correrá um programa sobre a história do PCP, desde 1921 até à actualidade. Encontraremos ainda no pavilhão Inforfesta 90 uma exposição sobre a história da informática, mostrando - com peças cedidas por diversas entidades - o caminho percorrido pela humanidade até chegar ao computador.

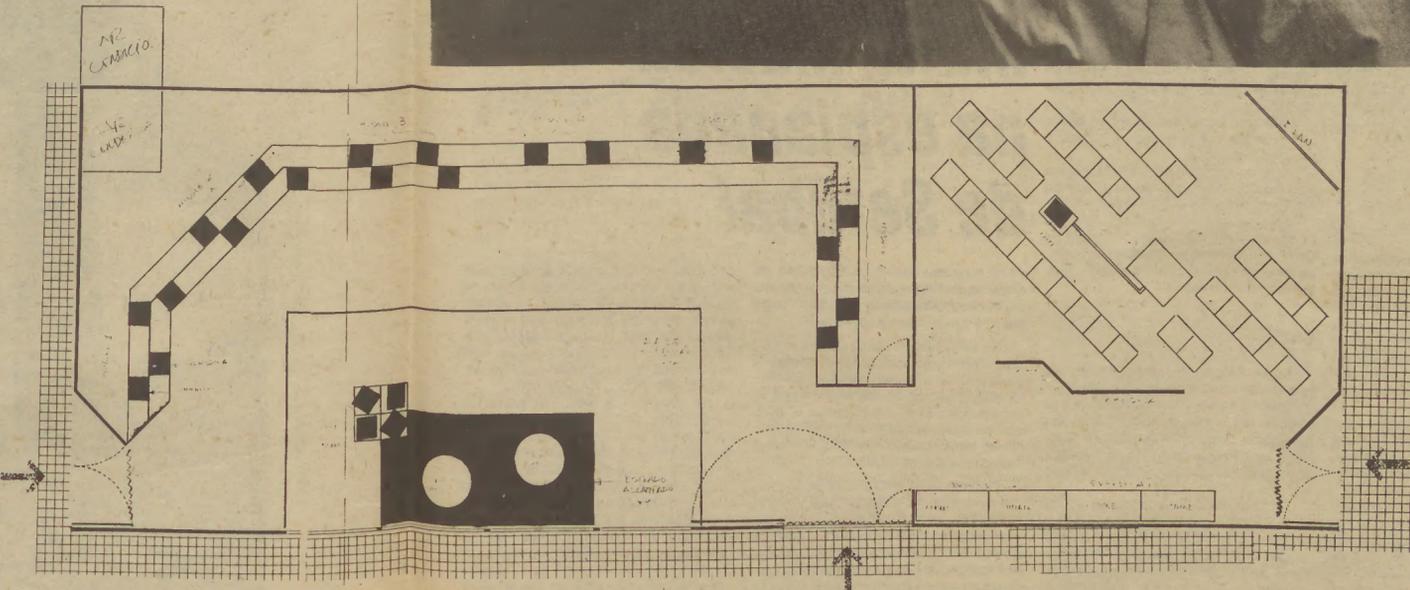
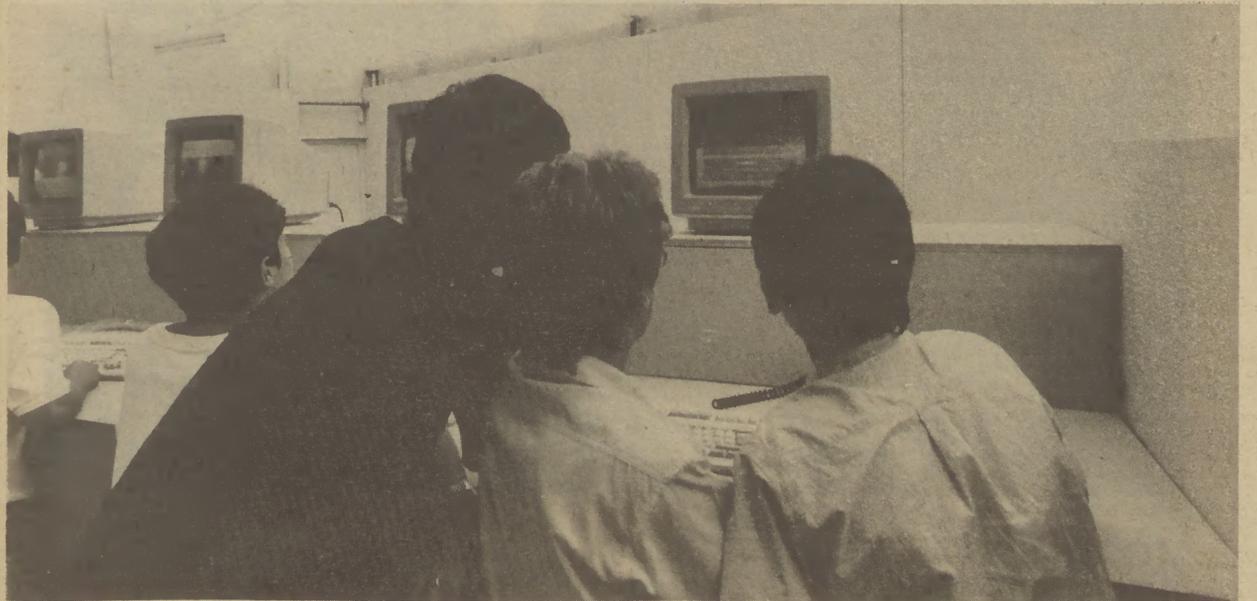
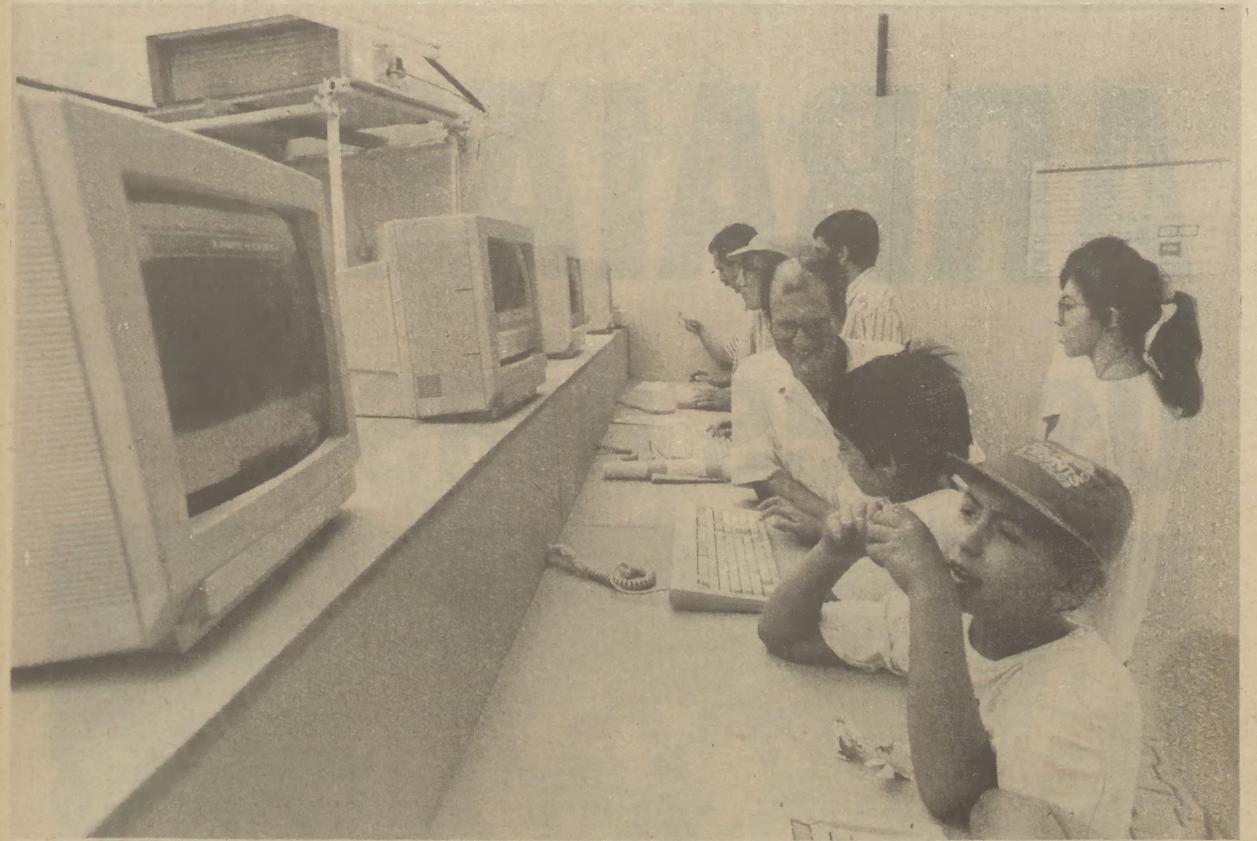
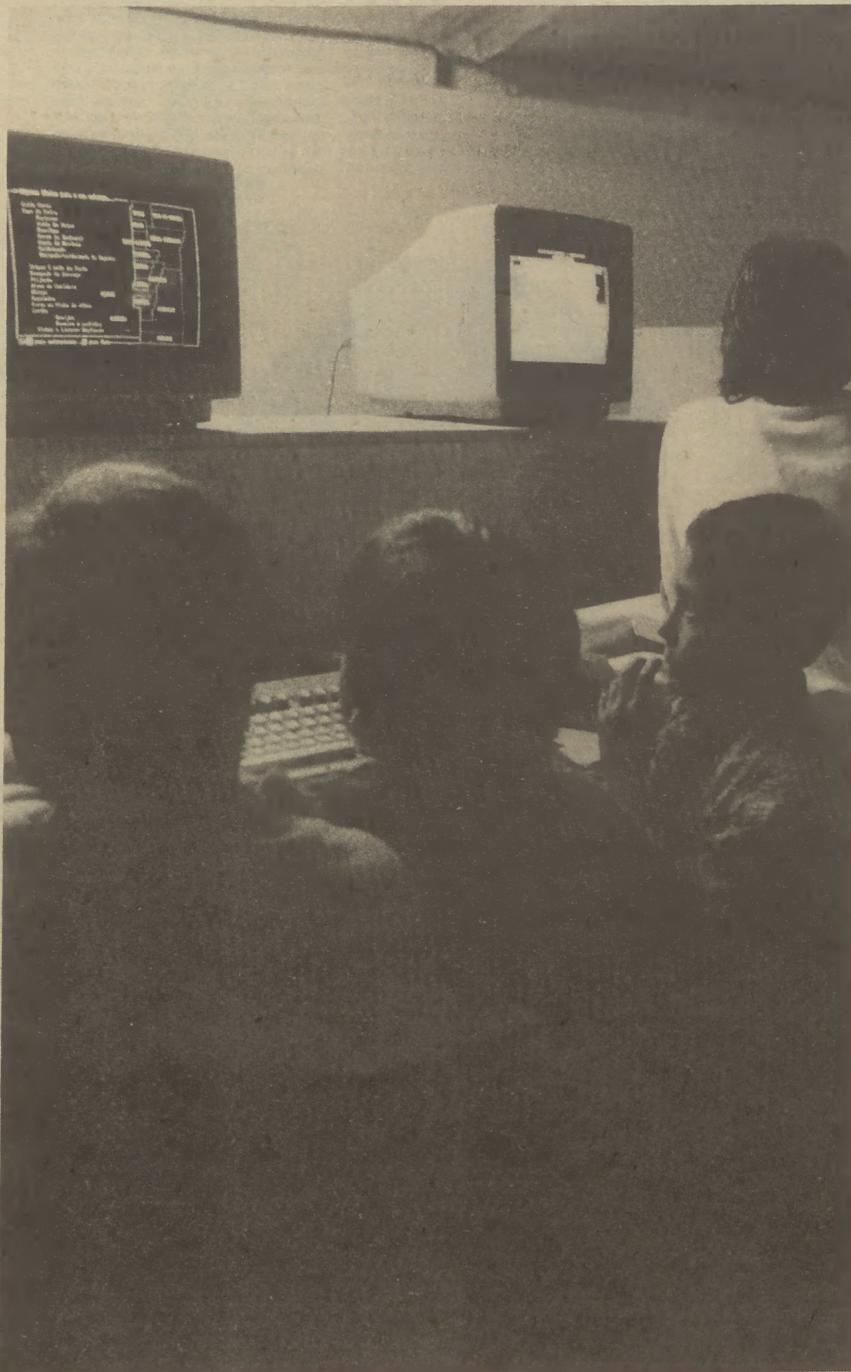
### E a arte

Computadores e arte, diz quem sabe, combinam muito bem. E quem sabe vai estar na Festa para mostrar que assim é. Cecília e Ernesto Melo e Castro - dois pioneiros da utilização de computadores em arte no nosso país - foram a ponte para ligar à Festa do «Avante!» meia dúzia de artistas *informáticos*, com um vasto trabalho em vídeo, fotografia, colagens, desenho, e com exposições em Portugal e no estrangeiro (nomeadamente em Nova Iorque).

Além de exporem trabalhos seus, estes artistas participam, no mini-auditório do pavilhão Inforfesta 90, em sessões públicas onde explicam como fazem arte com computadores e como se sentem a fazê-la. No écran gigante de que atrás se falou são feitas demonstrações.

O *Algeritura* é um programa que na Festa é utilizado, além do mais, para contar 4 histórias inéditas de Alice Vieira, na presença da escritora. Também há, destinados aos mais jovens, jogos didácticos: o *Tetris* (na versão original do primeiro *software* que veio da URSS, na versão americana a três dimensões e numa versão portuguesa, o *Petrís*), *xadrez*, *Simcity* (construção da cidade ideal), *PC Globe*.

E já imaginou como se pode usar um computador para ver a poesia com outros olhos? Passe pelo Inforfesta 90: é uma autêntica festa dos computadores!



Vai ser assim o pavilhão Inforfesta 90: à direita, em cima, temos o mini-auditório, com o écran gigante, onde vai correr a história do Partido e onde se vão realizar os encontros com artistas; à esquerda, os módulos de computadores e respectivas impressoras, ao dispor dos visitantes para perguntas e respostas; em baixo, à direita, as vitrinas para exposição de peças da história da informática.

# ARRAIAL!

## Os três dias



No Palco Arraial, situado entre a Juventude e a zona dos desportos, há festa de manhã à noite, com circo, folclore, banda e orquestra ligeira, baile e a animação que tudo isto cria. Logo a abrir, na sexta-feira conta-se com a actuação de uma banda filarmónica a que se seguirá o conjunto Hódie Crash, que vai pôr muita gente a dançar.

### Folclore, Beiras e Tejo

As actuações de ranchos dos distritos da Guarda, Castelo Branco e Viseu, e da zona ribeirinha do Tejo são certamente (mais que não seja, pelo cruzamento de estilos que logo se adivinha) motivo forte de atracção para todos os que gostam de folclore e que já sabem - por ver ou por ouvir dizer - que ele tem presença forte na Festa do «Avante!». Mas acrescentamos ainda mais qualquer coisa...

O Rancho da **Nespereira** vem este ano pela primeira vez actuar na Festa. É um dos grupos de acção cultural da Casa do Povo daquela aldeia da vertente norte da Serra da Estrela, que há 14 anos trabalham para a preservação da cultura, dos usos e dos costumes locais. Os seus elementos têm recolhido na região danças e cantares, utensílios e instrumentos de trabalho, trajes - que podem ser vistos no Palco Arraial. O Rancho da **Boldobra** vem da vertente sul da Estrela, de uma muito antiga freguesia do concelho da

Covilhã. O Rancho Folclórico «Jovens da Beira Alta» traz à festa música e danças de **Villar Seco**.

A beira-Tejo está presente no Palco Arraial com a arte dos ranchos folclóricos da **Barra Chela** (Moita) e de **Pinhal de Frades** (Seixal).

Esta grande mostra de folclore beirão será a atracção das tardes de sábado e domingo neste palco.

Ainda no campo da música, está previsto para domingo um concerto da Orquestra Ligeira de Pinhal Novo dos Frades.

A programação inclui também, nas noites de sábado e domingo, actuações dos Hódie Crash que, a fazer jus ao nome do palco, ajudarão ao ambiente de arraial que se pretende criar neste espaço.

### Circo

Conhecidos artistas participam nos três espectáculos de circo marcados para o Palco Arraial: o **faquir** Victor Emiliano, o artista de **rola-rola** Brunof, o **ilusionista** Zurk, o especialista de **grandes evasões** Renaudo Nelsinho, o **malabarista** Picolo Pauleang e os **palhaços** A. Campos, Nando & Companhia.

Ao todos serão trinta os artistas de circo presentes neste grande espectáculo. A realização e direcção é de Karley Aida e as apresentações estão marcadas para as manhãs de sábado e domingo, prevendo-se ainda uma sessão entre as 16 e às 18 horas de sábado.

## Muita música na esplanada de Setúbal

O programa do Palco-Esplanada da Organização Regional de Setúbal apresenta um vasto leque de artistas que irão ao longo dos três dias animar aquele espaço.

Na sexta-feira, 7 de Setembro, dia da abertura da Festa actuará, pelas 20 horas, o grupo de música e cantares tradicionais alentejanos «Diversos do Alentejo», a que se seguirá pelas 21.15, o agrupamento «Banzai» que interpretará temas de música tradicional. Já mais para a noite, às 22.30, haverá baile com o «Grupo Sinal».

Para sábado o programa prevê a actuação da «Escola de Acordeão», logo pelas 11 horas. Este grupo é constituído apenas por crianças entre os 5 e os 13 anos. Depois de almoço, às 15 horas, haverá música popular portuguesa com o grupo «Banda do Ozono». Uma hora e meia mais tarde, será a vez dos «Julian del Valle» tocarem música da Améri-

ca Latina. A noite de sábado é inteiramente dedicada a grupos de rock do distrito de Setúbal. A actuação do primeiro, os «Bibandeira», um grupo do Seixal, está prevista para as 20 horas, a que se seguirão «Os Sádicos», oriundos do Montijo assim como os «Cromáticos», que sobem ao palco respectivamente às 21.15 e 22.30 horas.

No domingo, o Palco-Esplanada de Setúbal abre com a «Escola de Dança da S.F.O.A.» do Seixal. Pelas 15 horas «Armando mais Grupo» traz consigo a música popular brasileira. José Moreira, Toni Costa e a Banda do Sovaco de Cobra são ainda nomes que passarão pelo espaço de Setúbal. Mais para a tardinha, às 19.30, o pano abre-se para o Grupo de Teatro Cruz Actos. A noite, a partir das 21.15, será mais uma vez integralmente preenchida com o som rock. No palco vão estar «A Banda» de Sines e os «Batuca do Ritmo».

# Canoagem *pela primeira vez*



## Festa do Avante!



Pela primeira vez, o programa desportivo da Festa do «Avante!» inclui, entre outras provas náuticas, um torneio de canoagem, a disputar na baía do Seixal, a partir das 15 horas de 9 de Setembro.

Organizado pela comissão nacional de desporto da Festa e pela secção de canoagem da Associação Náutica do Seixal, o torneio de canoagem realiza-se aproveitando as excelentes condições naturais da baía e a dinâmica que a modalidade actualmente regista na zona. A competição realiza-se em circuito, em água calma e influenciada pela maré. Para cadetes e infantis (masculinos e femininos) há uma prova curta (5 km, 2 voltas), em K1 e K2. Também em K1 e K2, realiza-se uma prova longa (10 km, 4 voltas), para seniores e juniores (masculinos e femininos). A pontuação segue o regulamento oficial para provas de longa distância.

São atribuídos prémios (individuais) aos três primeiros classificados de cada categoria e embarcação e (colectivos) às três primeiras equipas de cada prova. A todos os participantes e equipas é atribuído um prémio de presença.

As inscrições podem ser feitas desde já (Comissão de Desporto da Festa do «Avante!», avenida António Serpa, 26, 2º esquerdo, 1000 Lisboa) ou no local da prova, até meia hora antes do seu início.

## Torneio de futebol prossegue Setúbal vence por 4-1 frente ao Beja

Passava pouco das 21 horas quando as equipas entraram no recinto do jogo. Perfiladas para o público, com o árbitro entre as duas formações, parecia-nos estarmos perante um jogo de iniciados contra seniores.

De facto a estatura das duas equipas era de enorme diferença. Numa ponta, os «pequenos» de Beja, franzinos, com aspecto de quem, com aquele «cabedal», não iam a lado nenhum. Na outra, os «matulões» de Sines que representavam o distrito de Setúbal.

Apitado o início do jogo, as alturas e os pesos deixaram visivelmente de ter importância. Os «pequenos» de Beja mostraram estar em competitividade, jogando a uma velocidade que era difícil de acompanhar.

Os guarda-redes, em particular o de Sines, não tiveram descanso, e o primeiro golo acabou por ser marcado pelos bejenses. O resultado de 1-0 para Beja vinha demonstrar que «os homens não se medem aos palmos». Só 3 minutos antes do final da partida é que Sines lograria obter o empate.

Estimulados pelo golo os Sineenses reagiram bem no tempo de prolongamento, sem contudo conseguirem vergar os pequenos mas irrequietos bejenses. O prolongamento não foi suficiente para apurar a equipa vencedora e recorreu-se aos penalties.

A pouca sorte, mas também a falta de pontaria dos bejenses, acabou por os afastar deste torneio da Festa do «Avante!». O resultado final foi de 4-1 a favor de Sines, o que não reflecte a força, a destreza e a capacidade de movimentação da equipa que veio do coração da reforma agrária e que tão renhida luta ofereceu aos «pescadores de Sines».

No final, com grande espírito desportivo, realizou-se um convívio entre as duas equipas e membros da organização, onde se agradeceu aos participantes e se aproveitou para dar uma panorâmica do que vai ser a Festa do «Avante!», das iniciativas desportivas que aí decorrerão.

O próximo jogo foi entretanto marcado para o próximo domingo, dia 26, às 11 horas em Beja. Frente a frente vão estar as equipas de Setúbal/Sines e de Faro.

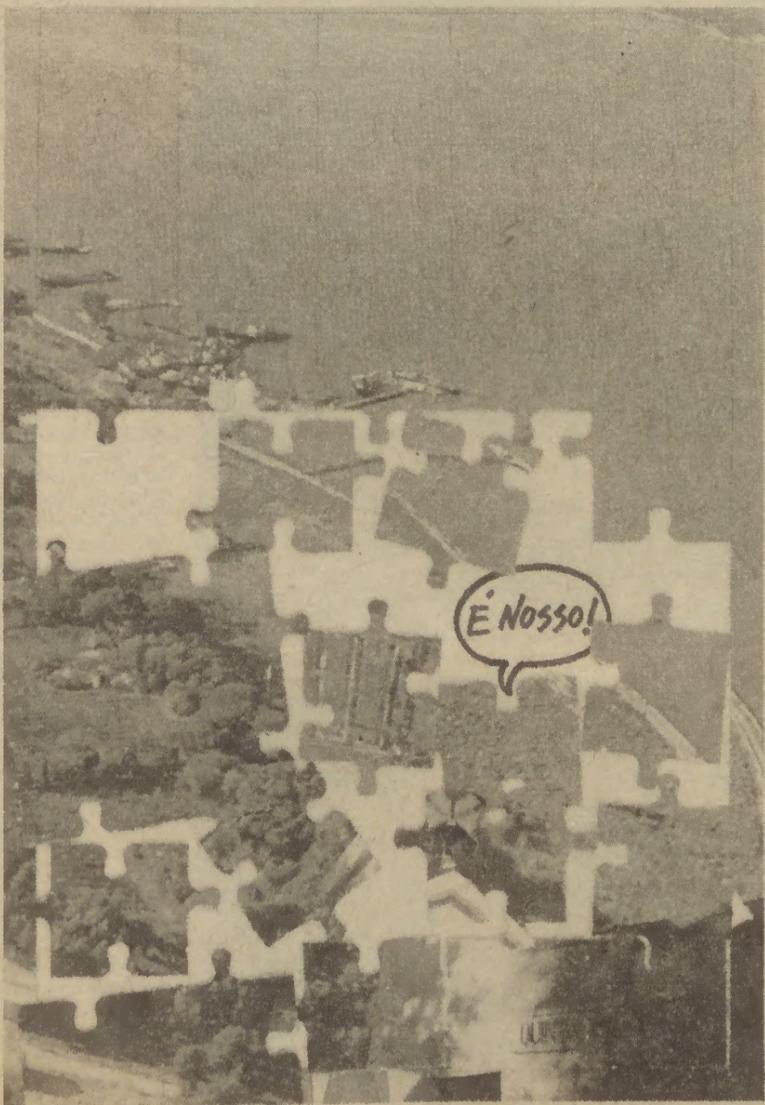
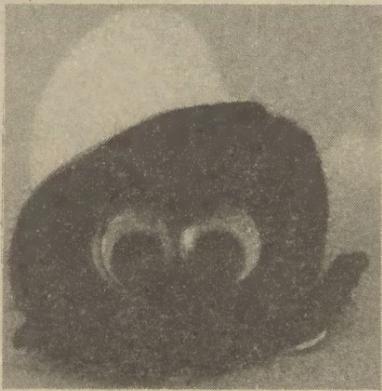


A equipa de «Os Independentes», de Sines, (em cima, de gravata e bigode) sagrou-se campeão de Setúbal ao vencer o «Ora Viva!», do Montijo (em baixo, de branco e cabedal à mostra) na final do apuramento distrital do torneio de futebol de cinco da Festa do «Avante!». Para o dia 25 de Agosto está marcado o torneio concelhio do Montijo de chinquillo, cujas equipas concorrentes anunciaram já a intenção de marcar presença na Festa. No passado dia 15 quatro equipas de cicloturismo percorreram várias freguesias de Alcochete, Montijo e Palmela; participou nesta iniciativa um dos irmãos Mimoso, inusual de Alcochete que conta já muitos quilómetros de estrada.

150

*mil Contos*  
**para o Terreno da festa**

É fofo e vermelho. Já lhe chamam a mascote da campanha dos 150 mil contos. Está à venda e, simpático como é, não admira que muitos o queiram levar para casa... Para os atrasados, se não for agora, a oportunidade de o adquirir será nos próximos dias 7, 8 e 9 de Setembro. Na altura, outras recordações estarão à disposição dos visitantes no espaço da Festa, com destaque para o puzzle e o crachat.

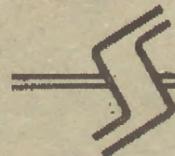
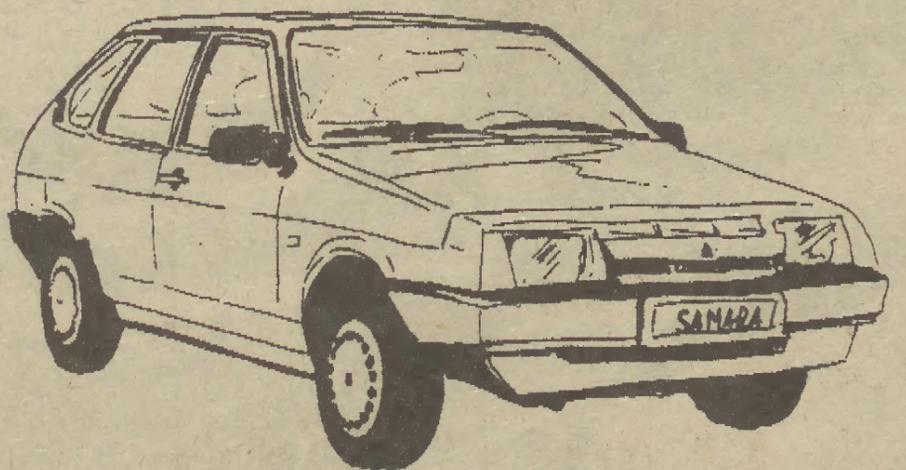


## 2.º sorteio das EPs

a 9 de SETEMBRO

**1.º Prémio** LADA SAMARA  
 1100 cc  
 3 Portas

# LADA SAMARA



SODIMOTOR

Sociedade Distribuidora de Automóveis, S.A.  
 Sede: Trav. da Glória, 19, 2.º-Esq. -1200 LISBOA  
 Tel. 346 06 04

**2.º Prémio** QUARTO DE CRIANÇA  
 D'ARTE MÓVEIS CONFIANÇA



**3.º Prémio** CÂMARA DE FILMAR-VÍDEO  
 NORDMENDE  
 Modelo: SV 500  
 Super VHS  
 da empresa  
 TOCAPIANO  
 -ALMADA

